

LITTERATURA.

O PEQUENO JOAS.
HISTORIA SOBRENATURAL.



I.

O ninho.

H

AVIA, n'uma aldêa dos arredores de Paris, um menino do côro, o mais lindo que é possível imaginar-se. — Era já um homemsinho, porque tinha do-

ze annos, e estava crescido. Tinha os cabellos louros e tão compridos, que lhe cahiam em anneis sobre os hombros, a testa alta e alva como um lirio, os olhos grandes e azues com pestanas castanhas, e, emfim, uma carinha de encantar. — Quanto á sua voz, basta dizer-se que, desde que começava a cantar

na igreja, todos se punham de joelhos, como se ouvissem um cherubim.

Até mesmo o senhor padre cura gostava tanto d'ella, que a escutava talvez demais, a ponto de se esquecer ás vezes de dizer um *oremus*, bem contra a sua vontade; mas estimava muito o seu menino do côro para lhe querer mal por isso. — Também lucrava muito, porque não havia, 10 leguas em redondo, uma freguezia que tivesse tantos devotos como a sua; e posto que elle pré-gasse bonitos sermões aos domingos e dias de festa, lá lhe parecia que não havia de ter tantos ouvintes, se elles depois da sua voz não esperassem escutar os cantos do pequeno Joas: — era o nome do menino, e é preciso dizer a razão por que não tinha outro.

N'um dia do mez de junho, havia então uma duzia de annos, os rapazes da aldêa tinham ido para os campos procurar ninhos. Foram primeiro ás moitas e ás balseiras em que costumam achar-se ninhadas de milharucos, de toutinegras, e até de rouxinoes; depois, brincando e bacharelado como crianças que eram, chegaram ás margens d'uma ribeirinha que estava coberta de canas e assombreada por arvores muito grandes. Procuraram primeiramente, se por entre as canas haveriam alguns ninhos de pica-peixes ou de gallinholas; mas, nada encontrando, ergueram os olhos, e como espreitassem a través da folhagem d'um freixo muito annoso que se debruçava na agua, descobriram mesmo no alto d'elle um ninho, como nunca tinham visto. — Era todo de musgo, sobre o comprido como um ovo, e tres vezes maior que a cabeça d'um homem. — Houve primeiro um grito geral d'alegria, mas logo depois suscitou-se uma disputa, porque todos queriam subir ao mesmo tempo; o maior afastou, porém, os outros, e trepou á arvore n'um abrir e fechar d'olhos.

Quando chegou um pouco abaixo do ninho, metteu-lhe a mão dentro, mas retirou-a logo com um ar de admiração, e como se tivesse sentido um objecto muito differente do que esperava encontrar. — Subio então mais acima, e desde que lançou os olhos ao ninho, deu um grande grito, erguendo para o ar uma das mãos.

— Que tens tu? perguntaram-lhe os outros.

— Oh! meus amigos, respondeu elle, que coisa tão admiravel!... É um menino!

Os seus camaradas julgaram que estava a fazer escarneo d'elles, e começaram a dizer-lhe que os tomava por imbecis, que zombava d'elles, porque era o mais forte, e que fazia

isso de proposito, porque eram talvez passaros muito grandes que queria guardar só para si. — Mas elle pouco lhe importava quanto lhe diziam, e ia tratando de outra cousa. — O ninho, berço, ou como lhe queiram chamar, era de musgo, entrelaçado com raminhos, que lhe davam solidez; estava, além d'isso, tão bem collocado entre tres ramos grossos, que o vento, por muito forte que fosse, não poderia deitá-lo abaixo. — O nosso rapazinho tirou-o com as maiores precauções; pôl-o sobre o braço esquerdo, pegando-lhe com a mão; depois, deitando o braço direito de roda da arvore, deixou-se escorregar muito devagarinho. — Quando chegou ao chão, não cuidem que largou o seu thesouro, pois não! Por muito favor, mostrou-o aos outros, que ficaram de boquinha aberta, vendo que era realmente um menino recém-nascido, um lindo menino branco e côr de rosa, que dormia tão bem na sua caminha de cotão, que nem o movimento, nem a bulha o haviam acordado.

Decidiu-se que levariam este achado maravilhoso ao presbyterio, onde chegaram depressa, porque não estavam longe da aldêa.

É impossivel descrever-se qual foi a admiração do senhor padre cura, e de sua irmã, que morava com elle, quando lhe levaram aquelle presente, e que lhe contaram d'onde elle vinha. — O senhor padre cura pôz as mãos olhando para o céu, e depois fez o signal da cruz. — Quanto á irmã, eram exclamações, gritos de alegria, e admirações de fazer a cabeça douda.

— Mas vejam que linda creatura! — Olhem para esta boquinha que parece uma cereja! para estas mãosinhas tão brancas! Se não parece mesmo o menino Jesus!... E como este ninho está bem feito! — Os homens podiam lá arranjar isto? — Não é possivel: só os passarinhos ou nosso Senhor poderia fazer uma cousa assim!

N'este momento o cura lançou-se nos braços de sua irmã, dizendo-lhe:

— Oh! sim, é o céu que nol-o envia! Educá-lo-hemos para amar a Deus, e para o servir.

Era preciso tractar do principal. — O senhor padre cura foi á igreja baptisar o menino. — Lembraram-se primeiro de o chamar Moysés, porque tinha sido achado sobre as aguas; mas, como havia na aldêa um judeu usurario que tinha o mesmo nome, deixaram-se d'isso e chamaram-lhe Joas, que foi tambem, como todos sabem, um menino salvado milagrosamente.

II.

O ensino mutuo.

Quando esta historia se espalhou na aldêa, todos correram o mais depressa que poderam a casa do cura. — As mulheres chegaram primeiro, porque são, segundo se diz, mais curiosas do que os homens; mas os homens vieram depois, e entre elles havia alguns incredulos acêrca da maneira por que se tinha achado o menino; mas como o ninho lá estava, e o senhor padre cura o tinha mettido debaixo d'uma redoma de vidro, onde todos o podiam vêr á vontade, não havia meio de duvidar, ainda que fossem como S. Thomé. — Dias depois, acabaram-se todas as duvidas, porque o senhor Balio (n'aquelle tempo ainda havia Balios), a quem tinham occorrido idéas sinistras acêrca do caso, dirigiu-se aos proprios logares. — Alli foram ouvidos como testemunhas todos os rapazes; houve até quem subiu á arvore com Pierrot, o auctor da descoberta, que mostrou o lugar onde tinha achado o ninho; encontraram-se ainda restos d'elle, e os raminhos que o seguravam aos troncos, a que estavam ligados por uma especie de argamassa semelhante á que fazem as andorinhas. — Observou-se mais que havia por cima do berço tal espessura de ramos e de folhas, que parecia arranjado para o resguardar do tempo.

Faltava saber quem era o auctor de semelhante cousa, e que tinha tido alma de expôr a pobre creaturinha a uma morte certa. — É facil crêr, com effeito, que o recém-nascido morreria dentro em pouco, de fome ou de frio, se os garotos d'aldêa o não descobrissem pelo mais singular acaso.

É certo que, quando alguém fallava a este respeito ao senhor padre cura, elle respondia, que não havia acasos no mundo, porque Deus é que dispunha tudo. — E então olhava para a criancinha com ar pensativo, abanando a cabeça de certa maneira, como se dissesse a si mesmo: ha n'isto o quer que seja que ninguem entende, mas que eu só vejo claramente. — E depois erguia os olhos para o céu, e fazia o signal da cruz.

Depois da sua descoberta, Pierrot, apesar de criança, devia naturalmente interessar-se pelo pobre innocente que tinha salvado da morte. — Vinha, por consequencia, muitas vezes a casa do cura. — Este, ao principio, não gostava muito das suas visitas, attendendo a ser Pierrot um dos maiores velhaquetes do lugar, preguiçoso, vadio, inventor de toda a sorte de diabruras, bulhento, vi-

rando por si só a eschola debaixo para cima, e general em chefe de todos os motins de garotos. Todavia, como por outro lado tinha um avô cêgo e velhinho a quem prestava todos os cuidados possiveis, como estava sempre prompto para servir fosse quem fosse, e passava ás vezes sem comer para dar o seu pão aos pobres, todos diziam que elle tinha bom coração, e má cabeça. — Foi por estas considerações que o senhor padre cura o deixou entrar em sua casa. — Alli, Pierrot fazia dançar o pequenino em cima dos seus joelhos, pegava-lhe ao collo, dava-lhe de beber, e tomava sentido n'elle quando o cura ia para a egreja, e a irmã tinha de sair; mais tarde, ajudou-o a dar os primeiros passos, a balbuciar as primeiras palavras, e, cousa singularmente feliz, gostava tanto de tudo aquillo, que passava os dias inteiros em casa do cura, e perdeu assim todos os seus máus costumes.

A educação de Joas havia sido muito facil; mostrava tanta intelligencia e habilidade para tudo, que o padre cura dizia que dentro em pouco viria a saber mais do que elle. — Attribuia aquellas disposições precoces e extraordinarias á leitura da Escripura sagrada, pela qual o menino tinha uma verdadeira paixão, e que sabia de côr, sem lhe esquecer uma palavra. — O seu genio concorria tambem muito para o seu adiantamento: era quieto, estudioso, sempre disposto para o trabalho, submisso e respeitoso para com o cura e sua irmã, a quem tractava como paes.

Havia uma unica cousa que se lhe pudesse dizer: era um quasi nada de tristeza; gostava da solidão; ás vezes ia á noite rezar para a egreja, quando estava totalmente deserta, e allumiada por uma só lampada. — Estas inclinações davam algum cuidado á boa Genoveva, a irmã do cura, que o amava com ternura de mãe.

Pelas noites bellas do estio, Joas ia muitas vezes passeiar para o jardim. — Uma vez, ao clarão da lua, tendo-o Genoveva visto sentado n'um banco, com os olhos levantados para o céu, disse para seu irmão:

— Olha para o nosso Joas! — Em que estará elle a pensar? — É natural a uma criança uma reflexão assim?

— Não é natural, não, respondeu o cura; mas n'este mundo ha cousas sobrenaturaes... muitas mais do que se julga...

— Como é bello! proseguiu Genoveva; que carinha tão angelica! os raios da lua são brancos, mas não são mais brancos do que aquella testa. — Mas que ar tão triste

que elle tem, olhando para as estrellas do firmamento!

— Pobre criança, disse o cura, são saudades da terra!

— Saudades da terra! exclamou Genoveva; não está elle na sua terra, e pôde acaso ter outra, se tinha acabado de nascer quando o acharam? — Se tem saudade da terra, é preciso levá-lo ao freixo que está na borda do rio. . . .

— Eu cá me entendo, respondeu o cura. E segundo o seu costume, quando fallava deste acontecimento mysterioso, fez o signal da cruz, e calou-se.

Joas nunca ia brincar com os rapazes da aldêa, que eram quasi todos mal creados e turbulentos; apesar d'isso era estimado e respeitado por todos.

Muitas vezes, julgando que o obsequiavam, levavam-lhe passarinhos que tinham tirado do ninho. — Joas agradecia-lh'os: criava as avesinhas até que podessem voar, e então soltava-as, dizendo, em allusão á sua entrada no mundo, que muitas vezes lhe haviam contado:

— Os passarinhos são meus irmãos de leite, é preciso, por consequencia, tractá-os fraternalmente.

Joas tinha, todavia, um amigo verdadeiro n'aldêa: era Pierrot, que estava um moço-tão alto e guapo. — Contámos os cuidados que elle tinha prestado a Joas na sua tenra infancia, e que continuou sempre a prestar-lhe. — D'alli resultou entre os dois uma amizade de irmãos tal, que não podiam separar-se.

Quando Joas começou a aprender a lêr, Pierrot tinha-lhe ensinado o pouco que sabia; desde que Joas, graças á sua intelligencia e ás lições do cura, soube mais do que elle, o que não levou muito tempo, foi elle que se fez então mestre de Pierrot. Quando chegou a menino do côro, e teve luzes de musica, communicou a sua pouca sciencia a Pierrot, para que podesse cantar com elle. — Instruiu-o nos deveres da religião, de que o mancebo se tinha singularmente descuidado. — Era um gôsto vêr com que juizo e paciencia aquella criança dava as suas lições, e com que attenção o outro as escutava. — Aproveitaram ellas tão bem a Pierrot, que mudou inteiramente de genio e de costumes. — Tornou-se submisso, estudioso, a ponto que o mestre-eschola, a quem tinha dado tanto que entender, e seus proprios paes o desconheciam. — Em vez de vadiar como n'outro tempo, ia sempre para o presbyterio, ou saía a passear com Joas e o senhor padre

cura, e aos domingos não deixava de ir á missa e a vespêras, em quanto que os outros rapazes da aldêa estavam a jogar a bolla no largo, ou a beber nas tabernas.

Pierrot não sómente se achava bem com a amizade de Joas, mas tirava tambem d'ella o seu bocadinho de orgulho, quando a voz celeste do menino do côro lhe grangeou reputação nos arredores. — Se algum d'aquelles sitios, que vinha para o ouvir, encontrava por acaso Pierrot e lhe perguntava se conhecia o pequeno Joas, respondia todo inchado:

— Poderá não! fui eu que o tirei do ninho!

III.

Angelica.

A egreja de * * * gozava d'uma vantagem que não têm muitas egrejas d'aldêa: tinha um orgão pequeno, que lhe havia sido legado por uma senhora já velha, do lugar. — Mas não bastava ter um orgão, era preciso achar quem o soubesse tocar, e na freguezia ninguem era capaz d'isso; foi por muito tempo um grande desgosto para o cura.

A um quarto de legoa da aldêa, perto do rio, e n'uma encosta coberta de vinhas e arvôres, erguia-se uma bonita casinha de campo, habitada por um antigo mestre de cravo de Paris, que se tinha retirado para alli depois de juntar uma tal ou qual fortuna, cousa extraordinaria n'um artista. O senhor padre cura foi-lhe fazer a sua visita e propoz-lhe, por interesse dos seus parochianos, vir tocar orgão á egreja, nos domingos e dias santos; mas o tio Surin (era assim que se chamava) que, estando costumado a não tocar senão por dinheiro, não se achava resolvido a fazê-lo de graça, recusou, valendo-se do primeiro pretexto que lhe lembrou, obsequiando todavia muito o senhor padre cura, e tractando-o muito bem. — Felizmente tinha uma filha, joven e linda menina de dezeseite annos, que tinha ouvido o peditorio do cura, e desejava muito que lhe fizessem a vontade. — Ora todos sabem que ha meninas que, parecendo que se não mexem para isso, obrigam os paes a fazer tudo o que ellas querem. Apparentemente, deu tão boas razões a seu pae, que fez com que se desdissesse.

Todos os domingos o tio Surin saía de casa com sua filha, a pé quando estava bom tempo, n'um pequeno carro quando chovia, e chegava á egreja ás horas da missa. — Assentava-se ao orgão para tocar alguma peça de musica, ou acompanhar o pequeno Joas,

em quanto sua filha ia assentar-se n'um logar reservado, e ouvia missa com toda a devoção.

O tio Surin ficou maravilhado com a voz de Joas: dizia que na opera de Paris, e na capella do rei nunca tinha ouvido cousa semelhante. — Tendo renascido n'elle o gôsto da musica, que tinha amado com paixão, convidou o cura para lhe levar Joas, afim de cantar *duettos* com sua filha. — O cura, que queria ao seu organista como aos olhos da cara, nem pensou em dizer que não. Ajustou-se tambem que Pierrot, que era inseparavel de Joas, e que, de mais a mais se achava em estado de cantar a sua parte, iria com elle. — Corria então o estio, e eram os maiores dias do anno. — O cura partia por volta das seis horas, com os seus dous cantores, e chegava a casa do tio Surin, onde se passava toda a noite a cantar e tocar. — A menina Angelica Surin, que tinha uma voz agradável, parecia gostar muito de cantar com Joas e Pierrot, bocados do *Adevinho d'aldéa*, opera do senhor Rousseau, que estava então muito em moda.

As cousas duraram assim por muitos mezes com satisfação geral.

Uma tarde, quando o cura se dispunha para ir a casa do tio Surin, Pierrot mandou-lhe dizer que o não esperasse, porque estava doente. — Esta noticia affligiu o cura, mas não o surpreendeu, porque havia muito tempo que tinha observado uma certa mudança em Pierrot. — O seu genio, que sempre fôra alegre, tinha-se tornado triste; o seu ar era pensativo e melancolico. — Ao sair de casa de Surin, em vez de cantarolar, como n'outro tempo, os trechos de musica que se tinham executado, estava silencioso, e chegava ás vezes a andar todo o caminho sem dar uma só palavra; emmagrecia a olhos vistos; de córado que era, tinha-se tornado pallido, e os seus grandes olhos pretos haviam perdido a sua vivacidade. — Tinha-lhe perguntado muitas vezes se lhe doía alguma cousa, mas elle sempre respondia que não.

Quando Joas soube que o seu amigo estava doente, correu logo a visitá-lo.

— Então, meu pobre Pierrot, disse elle quando chegou, que tens tu?

— O que tenho? disse-lhe Pierrot, oh! meu pequeno Joas, tenho uma doença, de que ha de ser difficil curar-me.

— Qual é?

— Meu rico passarinho, respondeu Pierrot, que costumava chamar assim a Joas, não tens precisão de o saber.

— Digo-te que tenho, é preciso que o sai-

ba, porque quero ir depois á cidade consultar um medico, e trazê-lo, se poder ser.

— Um medico! — Um medico não serve para isto!

— Mas emfim que tens?

— Assim o queres... nem tu saberás o que eu quero dizer... queria casar com a menina Angelica.

Verdade é que Joas não esperava semelhante cousa; córou um pouco, sem saber porque; mas tinha ouvido dizer muitas vezes n'aldéa que fulano tinha casado, ou ia casar com fulana, que amava ha muito tempo. — Respondeu portanto naturalmente a Pierrot:

— Pois bem, se queres casar com a menina Angelica, não tens mais do que pedil-a ao pae; é uma joven bem educada, docil, honesta, e piedosa, ha de ser uma boa mulher para ti.

— Como tu arranjas tudo isso, meu pequeno Joas, disse Pierrot; as cousas não se fazem, porém, com tanta facilidade. — A menina Angelica é rica, e eu não tenho cinco réis de meu. — Pedil-a-hei em casamento, é verdade, mas o pae não ha de querer dar-m'a.

— Sempre é bom tentar, disse Joas.

Depois d'isto despediu-se de Pierrot, e foi direitinho a casa do cura a quem contou claramente tudo.

O cura abanou a cabeça, e disse que havia de pensar no caso.

No dia seguinte pela manhã foi ter com o tio Surin, e, depois de ter pedido desculpa de não ter vindo na vespera, porque um dos seus cantores estava doente, disse-lhe:

— Senhor Surin, tendes uma menina muito gentil, muito boa e muito amavel... não pensaes em a casar?

— Olé se penso, senhor padre cura! respondeu o tio Surin; nem eu penso em outra cousa.

— Ah!... muito bem... e querieis dal-a a um mocetão, que morre por a ter por mulher?... É o nosso pobre Pierrot que está doente, e que, segundo penso, não o estaria muito tempo se lhe fizesses a vontade... é um rapaz de juizo, bom trabalhador, franco como o ouro... Pelo que toca a escudos, é verdade que nem por isso tem muitos, pelo menos por ora; mas é filho unico, e os paes hão de deixar-lhe o pequeno casal de Louybois, que ainda vale as suas quinze mil libras.

— Senhor padre cura, disse o tio Surin, tomando um ar muito serio, e impertigando-se todo, sabeis que minha filha tem de dote por parte da mãe uns bons vinte mil

escudos, e que ha de ter outros tantos pelo menos quando eu lhe faltar? — Bem vêdes que com uma fortuna assim não pôde desposar o vosso Pierrot, que, não o nego, é bom moço, mas que não tem nada... Demais d'isso, dir-vos-hei, em segredo, que tenho n'este mesmo momento muitos casamentos em vista para ella... muitos... não sei se me entendeis, tenho por onde escolher...

— Então, é escusado pensar mais n'isso? disse o cura respirando.

— É.

— Decididamente?

— Decididamente.

— Está dito, disse o cura.

E foi dar a resposta do tio Surin a Joas, que a levou logo a Pierrot. — Tractou de o consolar o melhor que poude. — Disse-lhe que era preciso esquecer Angelica, e que, quando se lembrasse d'ella, faria bem em rezar um padre nosso e uma ave maria. — Mas nada d'isso produziu effeito, porque o pobre Pierrot caiu no desespero. — Chorava a bom chorar, arrancava os cabellos, e, tornado ao seu genio antigo, forte e violento, disse que havia de matar os pretendentes, roubar Angelica, ou que iria deitar-se ao rio com uma pedra ao pescoço.

É facil crêr que Joas lhe deu uma grande lição de moral a proposito d'estas terriveis

idéas; emfim, quando conseguiu socegal-o, deixou-o, dizendo-lhe que ia pedir a Deus por elle.

O cura veio tambem vêr Pierrot, e esforçou-se pelo convencer da razão.

— Que queres tu, meu pobre rapaz! disse-lhe elle, o pae recusou claro e bom som; quanto á filha, bem vês que sendo rica, não te havia de querer a ti.

— Oh! se isso dependesse só della! disse Pierrot, e calou-se logo como se tivesse dito mais do que queria.

O cura fingiu que não tinha ouvido, e continuou o seu sermão; mas, ao deixar Pierrot, disse consigo que era preciso grande vigilancia.

Á vista d'isso, desde que Pierrot se achou melhor, e em estado de sair, o cura, querendo distrahir-o, convidou-o a retomar os seus trabalhos do campo, mas Pierrot disse-lhe:

— Senhor cura, sabeis muito bem que não sou preguiçoso; pelo contrario, sempre se disse que eu era activo e laborioso; pois bem! — agora não estou capaz para nada.

E ia passear para o campo, e rondar a casa do tio Surin para vêr se podia avistar Angelica, ou, quando muito, uma ponta do seu vestido ou do seu mantelête. — Elle julgava-se só, mas Joas estava sempre de perto, e não o perdia de vista. (Continúa).

VIAJENS.

A PASSAGEM DO NORTE.



ENTRE os milagres do nosso seculo, não existe de certo algum comparavel a este grande movimento universal, que tende a reunir os fragmentos dispersos do genero humano. D'aqui por diante não haverá imperios fechados, nem mares cerrados: de dia a dia as antigas barreiras são destruidas e arrastadas pela corrente victoriosa da civilização.

Acabâmos de vêr como os ultimos intrincheiramentos do velho mundo — o Japão e a China — são atacados pelos dois lados ao mesmo tempo —

pela Europa e pela America, e como as duas guardas avançadas da humanidade, depois de terem completado a volta do globo, tinham ido reunir-se no imperio do centro. Mas, lançando os olhos sobre a sphera, podêmos vêr que circuitos immensos os navegantes são obrigados a fazer para ganharem este caminho, quer, partindo da Europa, tenham de dobrar o Cabo da Boa-Esperança, e tornear a Africa para chegar ás Indias, quer, partindo da America do Norte, tenham de dobrar o Cabo de Horn, e tornear todo o continente americano para chegar á Asia. Por isso ha muitos sculos que se tem procurado um caminho mais directo, caminho que existe necessariamente na extremidade septentrional d'America, no centro de perpetuos gelos, e por debaixo do pólo arctico. É este caminho que se tem chamado a passagem do Norte,

isto é, a passagem que deve reunir o estreito de Davis, no Oceano Atlantico, ao estreito de Behring no Grande Oceano. Se se descobrisse este caminho, e elle fosse praticavel, ir-se-hia d'Inglaterra ao Japão quasi em linha recta. É o que procuram os navegantes inglezes ha mais de trezentos annos, e que já se procurava, segundo dizem as chronicas, desde o oitavo seculo. Desde o tempo de Henrique 8.º, os inglezes não têm cessado de mandar expedições á descoberta do novo caminho das Indias; os nomes mais illustres na historia das viagens, os de Humphrey, de Gilbert, de Ross, de Parry, de Franklin, estão ligados a esta empreza tão gloriosa quanto cheia de perigos. Novos nomes acabam de se juntar a esta lista, e ha poucos dias chegou a Londres a noticia de que a passagem do Norte estava enfim descoberta. Esta noticia foi trazida por um tenente da marinha real, que tinha em pessoa passado d'um a outro Oceano pelo mar glacial. É o primeiro que entrou por um lado, e saiu pelo outro, sendo bastante feliz, para trazer, pelo estreito de Davis, os despachos do seu commandante com que tinha entrado pelo estreito de Behring.

Até ao presente era o capitão Parry, hoje almirante, quem tinha feito as maiores descobertas n'estas regiões. Olhando para a carta, e seguindo o estreito de Davis e a bacia de Baffin, acha-se uma abertura chamada hoje o estreito de Lancaster. O capitão Ross tinha em outro tempo parado alli, julgando que era um golfo, e não um canal. O capitão Parry foi o primeiro que abriu esta nova saída; em 1819 passou a través do estreito de Lancaster; descobriu outro estreito chamado hoje de Barrow, e enfim pôz pé sobre a terra de Melville. Era a mais magnifica viagem que até ao presente se tinha feito; o capitão Parry tinha penetrado nos gelos 900 milhas, mais do que viajante algum antes d'elle, e pôde vêr-se, que a terra de Melville é o ultimo ponto do mundo conhecido, marcado sobre as cartas, e o mais proximo do polo arctico. É ao capitão Parry que pertence a gloria de ter completado a metade da passagem por Oeste, como ao capitão Mac-Clure, de ter completado a outra passagem por Leste; por que vêr-se-ha que o ultimo ponto a que chegou a expedição de 1819, é afastado sómente umas 60 milhas do ponto a que chegou pelo outro lado a expedição de 1850.

Durante este intervallo, um novo objecto d'interesse veio juntar-se áquelle que excitava já a procura da passagem. Tendo partido d'Inglaterra, em 1845, João Franklin, não

voltou; ha já mais de 8 annos que se não ouve fallar d'elle; e desde então não se tem ido sómente em busca da passagem, mas tambem de João Franklin e de seus companheiros. A ultima expedição, enviada a esta dupla descoberta, partiu no mez de janeiro de 1850; depois de ter dobrado o cabo de Horn, e tocado de passagem nas ilhas Sandwich, chegou ao estreito de Behring. Duas embarcações a compunham, a *Empreza* e o *Investigador*.

O ultimo sómente é que penetrou pelo mar de Behring, e é elle que nós vamos acompanhar na sua temeraria viagem. Era commandado pelo capitão Mac-Clure, um verdadeiro heroe, como vamos vêr.

Para que se possa entender o que se segue, devemos dizer que a passagem do Norte não foi completamente acabada, porque não se effectuou toda por meio das embarcações. Entre o ponto extremo a que se chegou pelo lado do Oeste, e o outro extremo a que se chegou de Leste, ficou sempre um certo espaço litteralmente obstruido de gèlo, e que foi necessario atravessar a pé. Existe alli uma especie de isthmo de Panamá de gèlo, que ainda não foi possivel cortar. O commandante Mac-Clure tinha calculado a sua viagem com uma admiravel resolução. Declarou que se adiantaria no gèlo até ao ponto que lhe fosse possivel, e que, se não podesse continuar, procuraria alcançar a pé a terra de Melville. Foi calculando com esta audaciosa tentativa, que um outro navio, o *Herald*, foi pelo outro lado do continente americano, isto é, pela bahia de Baffin e pelo estreito de Lancaster, demandar tambem a terra de Melville. Realisou-se o que Mac-Clure tinha predito, e, depois de tres annos d'uma navegação, que se pôde dizer quasi fabulosa, o intrepido maritimo encontrou sobre os gèlos, e n'um ponto do globo, onde nunca tinha chegado homem algum, uma porção de compatriotas que vinham ao seu encontro. Mandou um de seus officiaes, o tenente Cresswell, com os doentes da sua equipagem, embarcar em o navio que tinha vindo á sua procura; e elle voltou a bordo, foi juntar-se ao *Investigador*, bloqueado pelo gèlo ha dois annos, em cuja situação talvez ainda hoje está. Os seus officios chegaram, como dissemos, á Inglaterra, e é á vista d'elles que nós faremos a descrição da sua viagem.

Esta viagem não offerece cousa alguma de particular até 8 de agosto, dia em que o commandante envia muitos homens a terra, para deixarem ahi uma noticia da sua passagem. Alli encontram tres indigenas que ao

principio se mostram muito tímidos; mas fazem-se-lhes certos signaes d'amizade, que consistem em levantar tres vezes os braços, por cima das cabeças, e então aproximam-se da canôa. Os selvagens têm também seus signaes d'amizade; a maneira de a demonstrar, consiste em esfregar o nariz pelo nariz do estrangeiro, com quem querem fraternizar.

Os cuidados do toucador, sendo pouco apurados entre estes homens da primitiva, esta operação não é sempre das mais agradáveis; mas, não obstante isto, que consolação não deve ser, encontrar no meio do deserto a face humana creada á imagem de Deus! Aqui começa a apparecer em scena um homem que vai occupar um logar muito importante, é o interprete M. Miertschin. Vel-o-hemos prestar á expedição serviços extraordinarios, é um irmão moravio pertencente ás missões do Labrador; um d'estes mensageiros de boas noticias, que levam a Biblia ás extremidades do mundo. Entra em conversação com os indigenas, sabe que elles pertencem a uma tribu nomade composta de dez cabanas. Tinham avistado o navio na vespera; mas, não podendo comprehender como as grandes arvores, isto é, os mastros podiam andar, tinham-se retirado, deixando tres dos seus de vigia.

Chamavam ao navio ilha fluctuante. Muitos vem visital-o, mas tem poucos artigos a trocar, porque os seus caçadores andam por fora; se os inglezes quizessem esperar, teriam uma grande quantidade de pelles. Mas o vento é de feição, o mar está livre, o commandante faz-lhes as suas despedidas, e dá-lhes alguns pequenos presentes. O interprete explica-lhes que os homens brancos andam á procura de irmãos perdidos, e que se elles os encontrarem, que os tractem com toda a humanidade. Os Esquimós promettem que, se acaso os encontrarem, lhes darão carne de gamo com fartura.

O *Investigador* continúa a sua derrota e chega a 11 á ilha de Jones, d'onde uns 30 indigenas o vem visitar. Estes trazem peixe, e patos bravos, que trocam por tabaco. Mostram grande surpresa á vista das vélas a que dão o nome de grandes lenços; um d'elles apresenta uma espingarda que tem a marca ingleza de Burnett, 1840, e que lhe foi dada pelos russos, com os quaes a sua tribu faz o commercio das pelles. No mesmo dia os inglezes desembarcam n'uma ilha onde acham uma outra tribu. Graças aos signaes particulares dos braços, os selvagens se tranquillizam, e, para demonstrar a sua boa von-

tade, se entregam com um excesso de cordialidade á cerimonia da esfregação do nariz. Estes, diz o commandante, eram muito accados, de maneira que a operação não foi tão desagradavel quanto o podia ser. O interprete assegura que é a primeira vez que elles vêem homens brancos; o capitão lhe faz prometter que tractariam bem aquelles que por acaso fossem parar ao seu paiz, e com esta condição lhe faz presente d'uma bandeira. A magnificencia d'esta ddiva parece causar-lhes grande admiração; ao principio não se atrevem a tocar-lhe; depois, animado pelo interprete, o chefe toma a bandeira entre seus braços, e a leva no meio dos gritos de alegria da sua tribu.

No dia seguinte, os selvagens voltam, trazendo suas mulheres que na vespera tinham escondido. Offerecem peixe e caça, mas em tal estado de corrupção, que é impossivel aproveitá-la. Vem a bordo; mas, não obstante toda a vigilancia, que se põe em pratica, roubam muitos objectos com a destreza proverbial do selvagem. Os que são apanhados em flagrante delicto são castigados, deixando de ser contemplados na distribuição dos presentes.

Alguns dias depois, o commandante, continuando a sua derrota, encontra uma outra tribu; mas esta o recebe com demonstrações muito pouco pacificas. Os selvagens têm arcos e facas, e dão gritos descompassados; por mais que se levantem os braços para o ar, não ha socegal-os. Então o interprete, que trouxe um vestido completo d'esquimó, prepara-se como um grande chefe, e vai parlamentar com os selvagens. Fazem-se as pazes, e examinam-se uns aos outros mutuamente. Um dos esquimós trazia, suspenso ao pescoço, um botão velho de cobre; o chefe diz ao interprete que a sua tribu tinha deixado de fazer o commercio com os homens brancos, porque estes tinham dado aos indios uma agua de fogo, que os fazia doudos. Mas é impossivel obter d'elles algumas noticias quanto á sorte de Franklin; não conhecem datas e confundem de tal maneira as suas legendas tradicionaes com a propria historia, que nunca se sabe se fallam de si, ou de seus antepassados.

O commandante Mac-Clure fecha aqui o seu officio, a 30 d'agosto de 1850; porque espera poder expedil-o pelos indios á companhia da bahia de Hudson, d'onde será enviado a Inglaterra. Até alli encontrou uma temperatura bastante agradável, tendo o thermometro raras vezes descido abaixo de 32 grãos, Fahrenheit (0, centigadros). Até este



ponto tambem só peneirou em paragens já exploradas pelos navegantes, e notadas sobre as cartas.

Podêmos seguil-o desde o estreito de Behring até ao ponto onde agora chegou: pelo cabo Lisburue, a extremidade de Barrow, ou cabo Norte, a ilha de Jones e a bahia de Liverpool, isto é, as costas d'America russa;

as terras em que desembarcou estão marcadas nas cartas com o nome de — paiz dos grandes esquimós. — D'aqui em diante a geographia conhecida nos faltará, e entraremos com estes intrepididos exploradores na região das descobertas, e em paizes desconhecidos.

(Continúa).

ALHAMBRA.

CONTOS DE GRANADA.

(Continuados de pag. 73 do 3.º n.º)

VI.

A camara de Isabel.

QUARTO, que eu occupava na Alhambra, fazia parte de uma construcção moderna, que servia de habitação ao governador no tempo do verão. Tinha de frente a fachada do velho palacio, que olha-

va para a explanada. Perto de mim habitava a familia da tia Antonia, n'uma sala de architectura arabe, que devia ter sido magnifica no tempo dos mouros, a julgarmos por alguns restos de ornamentos, que o fumo não tinha ainda totalmente arruinado. Um corredor tenebroso conduzia d'esta sala a uma escada de caracol, aberta n'um angulo da torre

de Comarés. Na parte mais inferior d'esta, uma porta secreta se abria no vestibulo da sala dos Embaixadores.

Como estava pouco agradado do quarto que me tinham offerecido, procurava, durante todo o dia, algum retiro mais pittoresco. Esquadrinhando de ruina em ruina, descobri de repente uma portinha estreita, que ainda não tinha notado, a qual dava entrada para uma parte do palacio vedada aos visitantes. Que mysterio seria este? Anna Radcliffe teria julgado immediatamente, que era o dominio que os espiritos d'Alhambra tinham querido reservar para si. Comtudo, a minha hospeda não teve difficuldade alguma em me confiar a chave da pequena porta.

Atravessei uma serie de salões em estylo europeu, ainda que erigidos sobre o portico mourisco, que cerca o jardim de Lindaraxa. Na extremidade abriam-se duas grandes salas com os tectos ornados de esculpturas lavradas em cedro, e representando flôres e fructos entrelaçados, e uma multidão de figuras phantasticas n'um bom estado de conservação, salvas apenas algumas ligeiras fracturas. As paredes pareciam ter sido cobertas de preciosas tapecerias; porém já alli se não via mais do que os nomes desconhecidos dos vaidosos visitantes. Janellas em mau estado, cedendo ao menor sôpro de vento, e apodrecidas pela chuva, deixavam penetrar na sala os ramos das laranjeiras do jardim. A estas duas salas seguiam-se duas casas de menor extensão, que igualmente se abriam sobre o jardim de Lindaraxa. Um pincel habil tinha tido o cuidado de as ornar de todo o prestigio da arte italiana. Os tectos estavam cobertos de pinturas a fresco; porém os ornatos das paredes estavam quasi apagados. O quarto, que acabava de visitar, abria-se para uma galeria com balaustradas, que seguia em angulo recto os lados do jardim. A elegancia, que parecia ter reinado n'estes logares, inspirou-me o desejo de conhecer a sua historia. O meu inseparavel *cicerone* contou-me, que seu antigo esplendor datava dos primeiros dias do ultimo seculo, quando Philippe V e Isabel de Parma tinham vindo habitar a Alhambra. Esta parte do palacio foi occupada pela formosa rainha, e pelas damas da sua côrte. Uma d'estas grandes salas era a camara d'Isabel; — uma pequena escada, hoje tapada, conduzia d'esta camara a um quarto superior ou gabinete das sultanas, o qual depois se chamou *mirador* ou *toucador* da rainha. D'esta camara a vista abraçava, de um lado os terraços e os jardins do Generalife, e do outro a fonte que ornava o jardim de

Lindaraxa. Alli ainda se via uma inscripção mourisca, que tinha o seguinte sentido:

« Quanto é admiravel este recondito jardim, « onde as flôres da terra disputam o fulgor ás « estrellas do céu! Que haverá de mais bello « do que esta fonte de alabastro, eternamen- « te pura? Só a lua cheia no meio de uma « noite d'estio! »

Tal foi a feliz disposição d'estes deliciosos retiros, que, depois de seculos, sua magnificencia composta de tão frageis decorações, parece ter triumphado do tempo. O jardim de Lindaraxa produz continuamente novas flôres; sua fonte verte sempre agua; o alabastro está escurecido, o tanque, invadido por espinhos e moutas de ortigas, serve de asylo a uma multidão de lagartos; porém a agua rebenta limpida como nos mais bellos dias da Alhambra; e este contraste de esplendor e de ruina desperta n'alma um pensamento melancolico, vendo as obras do homem, que sobrevivem a seus destinos, para attestar, por sua grandeza, a fragilidade de quem as construiu. O abandono d'este asylo dos reaes amores d'Isabel, dá-lhe hoje não sei que encanto de recordações, que a alma sente, mas que nenhuma palavra, nenhuma poesia saberá exprimir.

Resolvi fazer d'esta parte da Alhambra o quartel general de meus sonhos. Esta idéa causou na familia da tia Antonia o mais singular espanto. Não podiam comprehender que eu fosse tão insensato, que preferisse as commodidades da visinhança a uma habitação solitaria, e afastada de toda a communicação. A boa mulher esforçou-se para me representar uma infinidade de perigos, que deviam dissuadir-me do meu projecto de mudança. Os arredores do velho palacio, me dizia ella, estão infestados de bandidos; ranchos de ciganos têm seus escondrijos nas cavernas dos rochedos visinhos; o muro do palacio, aruinado em muitos logares, pôde-lhes dar accesso, e a noticia de que um rico estrangeiro se lembrou de habitar só um deserto d'onde seus gritos, no caso de ataque, não podem ser ouvidos, é facil attrahir alguma funesta visita.

A bella Dolores participava de todo o coraçao dos receios que affligiam sua tia; fallava-me com um comico terror dos morcegos e outras aves nocturnas, que visitam as salas desertas d'Alhambra, e que todas as tardes vem, ao pôr do sol, reunir-se em grande numero, e pairar sobre as arvores do jardim. Porém nada foi capaz de modificar a minha bizarra phantasia. Em pouco tempo, auxiliado do fiel Matheus e de um operario, que man-

dei vir da cidade, as janellas e as portas foram sufficientemente reparadas para segurança do lugar que ia habitar, e a minha installação não se fez esperar. Porém confesso, que, apesar dos meus trabalhos de imaginação, a primeira noite devia ser cruel de passar. À hora de recolher, toda a familia quiz acompanhar-me até ao meu domicilio encantado. Separámo-nos entre despedidas e votos capazes de fazerem erriçar os cabellos da cabeça a um homem menos resolute. Quando fiquei só, parecia-me que vivia n'esses antigos tempos, em que os heroes dos romances eram abandonados n'uma hora mysteriosa da noite em alguma torre solitaria para alli correrem gigantescas aventuras.

As brilhantes recordações da côrte de uma formosa rainha, longe de me convidarem a pensamentos alegres, rodeavam-me de funebres lembranças. Estes muros, testemunhas de tantas festas, tantas bellezas, e amorosos segredos, não me pareciam senão as paredes de um tumulo, e o silencio da noite povoava-se para mim de phantasmas. Um sentimento de temor vago apoderou-se pouco a pouco de meus sentidos. Fiz alguns esforços para me distrahir, attribuindo-o ao medo dos bandidos, contra os quaes excellentes armas me protegiam sufficientemente; porém sentia, apesar de meus raciocinios, que meu espirito era atacado por terrores sobrenaturaes. Brevemente todos os objectos que me rodeavam receberam uma vida nova; o murmuro do vento nocturno por entre a folhagem dos limoeiros pareceu-me um gemido da sombra. Deitei uma vista incerta sobre os jardins de Lindaraxa; as arvores revestiam-se de fórmas ameaçadoras. Apressei-me a empurrar a janella, e um morcego, despertado dentro do meu quarto, fatigava-me extraordinariamente com o som monotono de suas azas, batendo contra as taboas que forravam o tecto. Fui obrigado a renunciar ao somno. Emfim, depois de uma longa lucta, envergonhado da minha pusillanidade, e talvez alentado pela carencia de todo o perigo real, peguei n'um candieiro, e resolvi fazer uma excursão nas visinhanças do meu domicilio. Vão projecto! A luz, agitada pelas brizas da noite, não allumiava a dez passos de distancia, e sua vacillante chamma a cada instante tendia a apagar-se. Os corredores abobadados pareciam-me cavernas; os tectos das salas perdiam-se na obscuridade, e não sei que inimigo parecia surprender-me atraz, adiante, ou a meu lado. Minha sombra errante sobre as paredes, o ranger do pavimento sob meus passos me faziam tremer, e quando atravessava a sa-

la dos Embaixadores para me recolher ao meu quarto, sons reaes vieram ajuntar-se ainda aos meus terrores sobrenaturaes. Um ecco de vagos gemidos, murmurios de vozes indistinctas, que pareciam correr nas galerias superiores, fizeram parar meus passos vacillantes. Escutei: — ter-se-hia dito que estes gemidos vinham de fóra da torre. Umaz vezes pareciam gritos roucos de um animal ferido, outras vezes imprecações agudas, cujas palavras não podiam entender-se. Imaginação, ou realidade, estes estrondos, a alta hora da noite, e n'um lugar tão deserto, pozeram-me em inexplicavel perturbação. Corri para o meu quarto, cuja porta fechei com cuidado. Um somno profundo cerrou finalmente meus olhos, e quando despertei, os raios do sol brilhavam alegremente na minha tranquillã habitação. As aparições da noite não me pareceram mais do que phantasmas, creados por a minha imaginação, preocupada pelas recordações d'estes famosos logares, e admirei-me d'esta fraqueza do meu espirito, que por um momento me esteve quasi a abandonar.

Brevemente Dolores veio visitar-me, e suas primeiras palavras explicaram immediatamente a causa que motivou meus sustos nocturnos. Foi um pobre louco, parente da tia Antonia, a quem accessos de delirio furioso atacavam a toda hora, e, para se livrarem d'elle, prendiam-o durante a noite n'um gabinete abobadado, por baixo da sala dos Embaixadores.

Poucos dias bastaram para restituir á minha alma uma perfeita tranquillidade, e pôr-me em estado de gozar as poeticas distrações de minha nova situação. Quando tomei posse do meu novo alojamento ainda as noites eram escuras; porém a lua cheia d'alli a pouco abrilhantou com sua magica claridade as minhas nocturnas meditações. Ondas puras de scintillantes luzes, percorrendo os pateos e galerias do velho edificio, illuminavam com uma semi-claridade admiravel os bosques odoriferos do jardim de Lindaraxa. A folhagem das laranjeiras embebia-se de argenteas côres, e a fonte d'alabastro banhava em seu crystal as imagens tremulas dos objectos circumvisinhos.

Senti passarem assim horas de ineffavel felicidade, quando, curvado sobre o peitoril da minha janella, deixava todas as tardes a minha alma voar por todas essas melancolias da noite, evocando em volta de mim as recordações de todos aquelles, que já não vivem na memoria dos homens, senão pelas ruinas dos seculos passados. Muitas vezes, quando tudo ao longe dormia em profundo repouso, eu só-

sinho percorria estas solidões de marmore, aspirando com enthusiasmo as tepidas brizas d'este bello clima da Andaluzia. Parecia-me que por momentos me suspendia sobre os vapores da terra, e que minha alma voava pelas regiões ethereas em busca de maravilhosas bellezas, que me attrahiam no espaço sem que jámais podesse alcançal-as. A Alhambra, vista á luz do crepusculo, despe suas ruinas como se fossem uma capa; seu esplendor renasce como um sonho; suas salas de festins illuminam-se, seus antigos habitantes vem passear debaixo de suas abobadas; tudo se encanta e idealiza: acreditar-se-hia que assistimos aos prodigios operados pelas fadas do Oriente.

N'uma d'estas bellas noites tinha-me ido assentar no *mirador* ou *toucador* da rainha. D'este lindo gabinete d'outr'ora, apenas hoje subsiste o ponto de vista que se alcança de sua elevação. Os cumes da Serra Nevada des-envolviam-se á minha direita em ondas argenteas, cujas curvaturas indeterminadas, se perdiam nos limites do horizonte. Debaixo de mim, na immensa profundidade, Granada se espriava como um lago, sobre o qual os campanarios e torres dos altos edificios pareciam immoveis como navios ancorados. O som das castanholas, que pouco a pouco ia enfraquecendo com a distancia, annunciava a retirada dos namorados, que todas as tardes se reuniam debaixo das copas das arvores da *Alameda*. As horas corriam, e o silencio vinha subindo da planície, espalhando o somno pelo espaço. Minhas palpebras fecharam-se, sonhando, e o frio da manhã despertou-me, acabada a noite; e muitas que se lhe seguiram, collocado na mesma posição, com o rosto entre as mãos, e o corpo cansado, a alma se desvairava egualmente até ao nascer do dia por entre regiões vagas e desconhecidas.

VII.

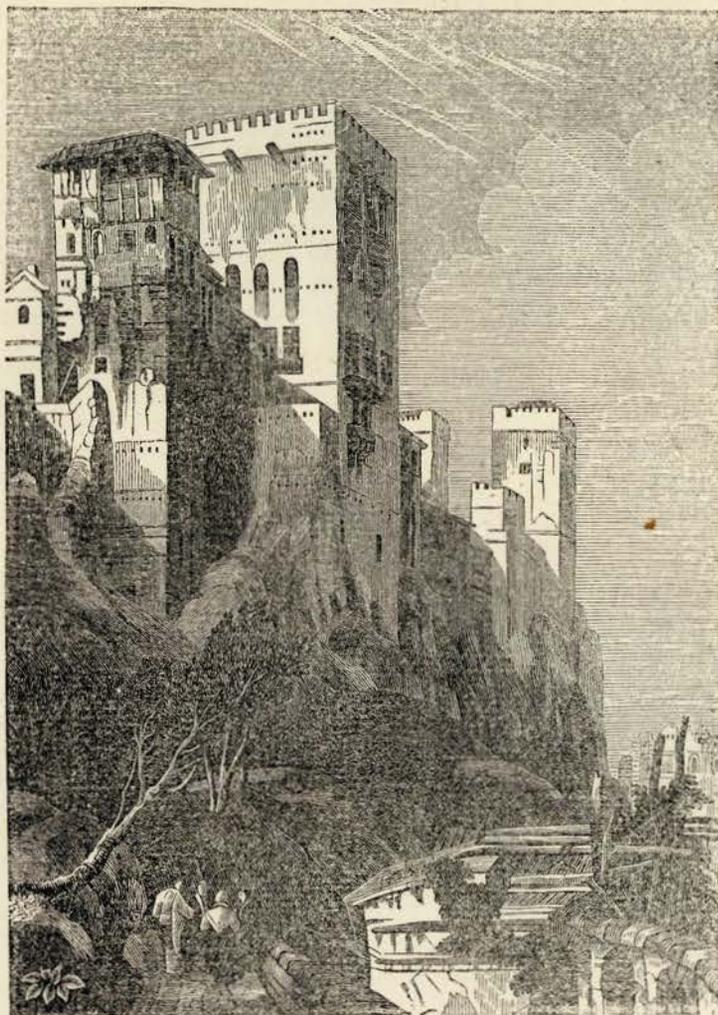
Os Pobres d'Alhambra.

Vemos frequentemente na historia os antigos palacios dos reis tornarem-se, por uma serie de extraordinarias vicissitudes, o asylo de bandidos, e de pobres. É o destino das ruinas de todas as epochas, e a Alhambra não devia escapar-lhe. A medida que as diversas partes do monumento ameaçam ruina, o governo hespanhol abandona-as em vez de as salvar. Então vem existencias malditas disputar ao tempo estes esqueletos de pedras que desabam; as ruinas misturam-se com os farrapos; e a miseria peleja com os vermes

impuros que roem o velho colosso e apodeira-se de seus fragmentos: finalmente, o pó das pedras do palacio dos reis, diluido na agua dos aqueductos e amassado pela mão dos bandidos, vem formar depois a cabana de taipa, onde se alojam os truões.

O *Pateo dos Milagres*, mencionado em todas as historias da velha Paris, reproduz-se em nossos dias n'Alhambra. Tive curiosidade de observar os costumes d'esta inquieta população das ruinas mouriscas, e vi o espectáculo d'um d'estes dramas grotescos, que servem de desfecho aos esplendores historicos do orgulho humano. Os pobres d'Alhambra vivem em republica, sob o dominio d'uma personagem do genero feminino, Maria Sabonea, que se denomina a *Rainha enrugada*. Esta creatura, cuja origem todos ignoram, habita um quarto, todo ennegrecido pelo fumo, e que fica por baixo da primeira escada do palacio; sua estatura é por tal fórma pequena que poderia passar por uma fada maligna.

Durante o dia está constantemente accorada no chão, parolando com extrema volubidade, ou cantando, com voz aguda e fanhosa, trovas phantasticas, tendo sempre algum dito satyrico para dizer aos viajantes. Com muita difficuldade se poderá fazer idéa d'uma creatura mais feia e ao mesmo tempo mais engraçada, e que saiba maior quantidade de historietas; e por isso, para nos divertir, Dona Antonia a mandava algumas vezes chamar para a ouvirmos tagarelar toda a noite. Mas quem poderá acreditar que, apesar de todas as desgraças physicas com que a natureza a tem mimoseado, esta infeliz mulher tem tido cinco maridos, além d'um joven soldado que morre louco d'amores por ella? . . . Tão diferentes gostos se encontram em a natureza! Fizeram-me notar, além d'esta rainha dos pobres, um velho de rosto altivo, ornado d'um nariz rubicundo, que mais podêmos dizer, embrulhado do que vestido, em sujos e usados fatos, mas trazendo no chapeo uma especie de laço encarnado. Este pittoresco personagem era, assim como o meu criado Mattheus, um filho d'Alhambra; porém um filho, cuja genealogia era das mais averiguadas. Umaz vezes aguzil, outras, criado de pobres, e por fim marcador do jogo da bola estabelecido ao pé da torre, era tão vaidoso como indigente, e pretendia descender da celebre familia d'Aguiar que foi o tronco de Gonçalves de Cordova. Em vez de procurar desenganal-o, o que seria muito difficultoso por falta de provas, quando o via, era-me impossivel deixar de



Fortaleza d'Alhambra.

fazer singulares reflexões sobre os azares da fortuna que deixam a um descendente d'Afonso d'Aguilar, o vencedor dos mouros, viver privado de todo o necessario no recinto da mesma fortaleza que seu antepassado submetteu á Hespanha christã.

Porém, no meio d'esta população, não esqueçamos a familia do meu apreciavel e fiel criado Mattheus Ximenes, cujos avós, de pais a filhos habitaram a Alhambra, depois de sua conquista. E na verdade uma singular filiação: — *fidalgua e pobreza* estão estreitamente ligadas na historia d'esta familia, e, pelos membros que ainda hoje vivem, consta que nunca existiu algum que possuísse o mais modico patrimonio! O pae de Mattheus terá

talvez 70 annos, e vive n'uma d'estas cabanas de taipa, de que ha pouco acabei de fallar. O seu interior está mobilado miseravelmente — um leito, uma banca carunchosa e um bahú que contém promiscuamente alguns farrapos, e os archivos de sua nobre jerarchia, cujo escudo cheio de brasões, e encontrado não sei onde, figura orgulhosamente n'uma moldura pregada na parede. Em verdade a miseria de Diogenes ostentava menos vaidade.

Seja o que fôr, mestre Mattheus não deixava, apesar de tudo, extinguir a sua proge: era casado, e tinha numerosa descendencia. Ninguem poderá dizer com certeza, nem mesmo se atreverá a investigar os meios

de que vivem tantas creaturas esfomeadas. Contento-me simplesmente em notar sua existencia, e acrescentar que todos me pareciam satisfeitos em ter nascido. A mãe de familia remenda de vez em quando seus farrapos para ir girar ao domingo e dias sanctificados no passeio de Granada, levando em seus braços um filho, e cinco ou seis a seu lado: e as raparigas, mal vestidas, mas coroadas de flôres, que as mais formosas damas invejariam, dançam ao som de castanholas esperando alguma esmola.

Conheço duas especies de creaturas cuja vida é um continuo ocio; são as extremamente ricas, ou extremamente pobres; as primeiras nada lhes falta, e as segundas nada têm que fazer. Esta ultima occupação não deixa de ter encantos, e de todas as miserias do mundo, a que vi ser melhor supportada é a miseria hespanhola. O clima, sempre temperado, favorece, é verdade, esta negligencia; um character feliz opéra o restante. Com tanto que um hespanhol (fallo da plebe) tenha sol no inverno, e sombra no estio, dai-lhe algum pão, e cebolas, e ajuntai a isto o luxo d'um capote, e os arpejos d'uma guitarra, toda a sua ambição não passa além, e o resto do mundo não lhe importa. Longe de se envergonhar da miseria, soffre-a com altivez. A poesia é a sua riqueza, e se não é cavalheiro, julga-se, ao menos, digno de o ser.

Os filhos d'Alhambra são mui curiosos exemplos do cynismo posto em pratica. Parece que para estes pobres o paraizo para

por cima do solo que os sustenta. Nada têm, nem mesmo o cuidado do dia seguinte; e, não obstante, quem os observar acreditará que estão constantemente occupados. No domingo, e dias sanctificados são muito assíduos aos officios divinos, e guardam rigorosamente estes dias como os obreiros laboriosos e devotos. Podeis estar certos que os vereis em todas as festas do paiz, e muitas vezes á noite effectuam, aos raios da lua, bailes phantasticos.

Um dos seus divertimentos predilectos, não é certamente conhecido dos ociosos parisien- ses que inventaram o prazer de vêr correr a agua do Senna. Lembro-me ter estado muito tempo sem perceber em que se empregava um rapaz de vinte annos, que n'um dia, ao pôr do sol, estava assentado sobre a cimalha d'uma torre; e agitava duas linhas que fluctuavam no espaço á mercê dos ventos. Observei-o por muito tempo, sem poder atinar o que teria na idéa este pescador d'estrellas. A sciencia de Mattheus veio soccorrer a minha astucia que falhava; a pureza do ar, disse o meu escudeiro, attrahe pela manhã e de tarde em roda d'Alhambra milhares d'andorinhas; as varinhas enviscadas de pouco valem para caçar estes passarinhos desconfiados, e por isso as pessoas que gostam da sua carne pescam-nas, fazendo voar anzoos habilmente guarnecidos de moscas. A arte de pescar nos ares, é devida á engenhosa preguiça dos pobres d'Alhambra. — Aproveite quem quizer!

ESTUDOS BIBLICOS.

(Continuados de pag. 13 do 1.º N.º)

II.

Agar.

NEM ha que não conheça a historia melancolica de Agar? A educação religiosa, que elevou o povo ao nivel de tantas cousas, e a arte christã, que captiva pelos olhos os que não querem, por indifferença ou por orgulho, dar ouvidos á

voz da egreja, a arte e a educação, fazem reviver o nome de Agar, e ninguém ha que ignore totalmente a vida d'esta escrava.

Na verdade, entre os homens, que Deus honrou na terra d'um modo especial, e que foram escolhidos para exercer uma poderosa influencia no futuro religioso das raças humanas, Abrahão occupa um dos primeiros logares. — Nós chamamos-lhe o nosso avô na fé; os Musulmanos veneram-o; os Judeos descendem d'elle pelo sangue, e pelas crenças;



Magdalen Hill

1848. H. J. G. S. 2175

AGAR.

o universo inteiro está cheio do seu nome, e das suas recordações. — A sua vida, tão instructiva, como gloriosa, é cheia de lições mysteriosas, e todas as cousas que o cercaram, tomaram d'elle, para assim dizer, as suas proporções, brilham ainda hoje com o reflexo da sua memoria. É assim que a existencia de Agar, serva do pae dos crentes, se acha elevada á altura d'um grande acontecimento, e toma o character d'uma lição severa, que se ha de apontar á intelligencia de todos os seculos christãos; porque, esposa de segunda ordem, tornada mãe, no meio da escravidão, é a figura do judaismo, que só dava aos seus filhos uma verdade elemental, e uma liberdade incompleta, ao passo que Sara, a esposa privilegiada, assegurando a seu filho todos os direitos sobre a herança paterna, é a imagem da igreja, que dá aos seus a liberdade com gloria, e a verdade com efusão.

Abstraindo mesmo da religião, e da arte christã, a vida de Agar seria ainda assumpto d'uma curiosidade legitima e elevada. — É a historia das rivalidades que a polygamia traz consigo ás familias, e das feridas dolorosas que abre no coração das mães; é o quadro d'uma pobre e fraca mulher, que foge do desagrado da sua senhora, e se perde no meio do deserto, mas á qual Deus se digna dar consolação e amparo; é a historia da origem d'um grande povo, que, alternadamente barbaro e culto, soube fazer a guerra, e dar impulso ás artes, e que, passados quarenta seculos, conserva nos costumes de hoje o cunho dos seus costumes originaes.

Abrahão recebera de Deus a promessa de numerosa posteridade; mas seus annos adiantavam-se, e Sara, sua mulher, era esteril. — Sara tinha a seu serviço uma egypcia chamada Agar. « *Vês*, disse ella a seu marido: *que o Senhor me fez esteril, e que eu não posso ter filhos. Toma pois a minha escrava, a vêr se ao menos por ella posso ter filhos.* » Era sem duvida movida por santas intenções, e queria preparar o cumprimento da palavra pronunciada em favor de Abrahão: mas como se não pôde conseguir um fim louvavel, senão por meios tambem louvaveis, ella não podia offerer a seu marido uma outra esposa, senão porque a polygamia estava admittida. Com effeito, Deus tinha positivamente mudado a primitiva condição do casamento, ou tolerado, pelo menos, que se introduzisse uma grave modificação no contrato. Sem esta derogação, feita pela auctoridade divina, a polygamia seria um crime; mas por effeito d'ella, a pluralidade de mulheres era

permittida, e as esposas eram igualmente legitimas, posto que não fossem eguaes em condição. — É preciso, porém, não confundir o procedimento dos patriarchas n'este ponto, com o que faziam as nações pagãs, e ainda menos com os habitos da voluptuosa intemperança dos orientaes; os costumes castos e religiosos das antigas edades, rodeavam a mulher de segunda ordem, d'um respeito e d'uma dignidade, que a lei romana, por exemplo, nunca lhe deu, e que o islamismo tirou mesmo a todas as mulheres.

Agar não se mostrou no seu procedimento a par da dignidade que lhe coube em sorte. — Esposa de Abrahão concebeu esperança d'um filho; mais feliz do que sua ama, desprezou-a. — Cousa admiravel! O homem deixa-se corromper mais vezes, e mais depressa pela fortuna que ambiciona, do que abater pela desgraça que tem! Armar-nos-hia Deus melhor contra a dôr, do que contra a alegria, por ser aquella mais frequente? Ou será porque basta só ter animo para affrontar a desdita, ao passo que a virtude é indispensavel para supportar o pêso da prosperidade? — Os triumphos embriagam-nos: parece que o vento favoravel nos enche de orgulho, ao mesmo tempo que leva o nosso barco ao porto desejado, e que a obra da sedução é mais completa n'aquelles que, partindo mais de baixo, chegam mais alto, e mais inesperadamente. — Todavia, a superioridade, seja ella qual fôr, não é concedida ao homem tão sómente, para satisfação vã do seu amor proprio. — Deus, posto que creasse desigualdades no mundo, uniu-as, contudo, por uma lei de mutua harmonia; collocou a força a par da fraqueza, para que a humanidade podesse offerer o espectaculo de todas as virtudes possiveis.

Sara estava, pois, exposta ao desprezo de Agar, e, como a desgraça é desconfiada e cruel, foi talvez injusta para com Abrahão: nas suas queixas, como que lhe lançou em rosto não reprimir a insolencia da sua serva. — Elle respondeu: « *Eis-ahi a tua escrava, ella está nas tuas mãos, usa d'ella como te der na vontade.* » O marido não deixava de ser o senhor, e a escrava, posto que elevada á classe d'esposa secundaria, não escapava legalmente ao poder do dono, que conservava sobre ella o direito de vida e de morte. — Abandonando assim Agar, Abrahão esperava curar a alma profundamente ferida de sua mulher; porque, muitas vezes, quando a vingança se torna facil, perde-se o desejo de a pôr por obra.

Todavia, não succedeu assim com Sara;

puniu a sua serva com alguma severidade, e ha auctores que pensam que ella excedeu os limites d'uma correcção permittida. — Todos podem observar que em geral a virtude da indignação é mal entendida, e ainda mais mal praticada: muitos homens se identificam com os titulos de que se acham revestidos, e imaginam defender o respeito aos principios, quando não fazem mais do que defender-se a si mesmos.

Se, pelo contrario, se reconhece com outros que Sara, egualando a repressão ao delicto, não fez mais do que oppôr um sabio rigor, a um orgulho que não podia ser subjugado por meios suaves, temos ainda uma imagem das judiciosas severidades que a alma, que é senhora, deve exercer sobre a carne, que é serva. A nossa alma, honrada com a intelligencia e a liberdade, forte pelo sentimento da sua vida, superior e celeste, pertence reinar soberanamente sobre o corpo que anima e dirige; ao corpo, energia cega e potencia subalterna, toca-lhe curvar-se com docilidade ás ordens emanadas da alma, de quem é companheiro, mas não igual, e ainda menos senhor.

A serva, punida por Sara, desanimou e fugiu. — Dirigiu-se para o Egypto, sua patria. — Era-lhe preciso atravessar um grande deserto, que se estendia até ao Mar-Vermelho. — Chegando ao pé d'uma fonte, que lhe ficava no caminho, um anjo, apparecendo-lhe sob a figura d'um homem, disse-lhe: « Agar, escrava de Sara, d'onde vens tu? e para onde vaes? »

« Fuge, lhe respondeu ella, de diante de Sara, minha senhora. » E o anjo do Senhor acrescentou: « Volta para a tua senhora e humilha-te debaixo da sua mão. » O enviado celeste disse mais á fugitiva: « Eu multiplicarei a tua descendencia, e a farei tão numerosa, que ella se não possa contar. » Disse ainda mais: « Eis-aqui, concebeste tu, e parirás um filho, a quem porás o nome d'Ismael; porque o Senhor te ouviu na tua afflicção. Elle será um homem fero, cuja mão será contra todos, e contra o qual terão todos a mão levantada. Elle porá as suas tendas defronte de todos os seus irmãos. » — Todos sabem como esta profecia se verificou. Antes de morrer, Ismael tinha feito tremer todo o paiz, que veio depois a chamar-se Arabia. — A sua posteridade, unida á posteridade de Heber, bisneto de Sem, povoou os terrenos que se estendem desde o Euphrates, até ao Mar-Vermelho, e aos confins do Egypto, e desde as praias do Oceano indico até á Palestina. — Foi o pae dos arabes ou serracenos, nação

guerreira, inconstante, sem habitação fixa. — No meio da sua pobreza e sobriedade, o arabe contenta-se com pouco; — ha, porém, uma cousa, que nunca renuncia, é a sua independencia. — Mais bem defendido pelos seus desertos, do que as ilhas remotas o são pelos abysmos e vastas extensões do Oceano, o arabe nunca viu os seus inimigos erguer as tendas, na terra que lhe coube por herança; nem persas, nem gregos, nem romanos o subjugaram nunca. Todas as grandes invasões têm vindo expirar aos seus pés, como rios que se perdem, e morrem nos areaes; os povos europeos, que os têm vencido muitas vezes, nunca puderam dominal-os. — Tribus errantes, os arabes viveram por muito tempo do commercio, da fraude, e do roubo; no principio do seculo oitavo, Mahomet reuniu-os sob uma lei commum, disciplinou as suas forças, e, despertando o espirito do fanatismo n'aquella organização nova e energica, mandou-os conquistar o mundo. — Marcharam acompanhados pela victoria, e juntaram ao gosto das batalhas, o culto ás sciencias e ás artes, provavelmente porque a guerra, como todos os grandes males da humanidade, purifica e regenera as nações, e as fecunda, pondo-as em contacto. Mas tudo isto foi rapido como o relampago; fiéis aos seus costumes nomades, pôde dizer-se que os arabes não fizeram mais do que acampar no meio da gloria. — Ha já muitos seculos que o estandarte que elles desenrolaram, está dobrado, e a Europa christã, pondo-lhe em cima a espada e a cruz, protestou que nunca mais havia de tremular. — Na verdade, a lingua, as leis, os costumes e até a phisionomia dos arabes, tudo assevera que conheceram a civilização, e que o estado selvagem em que recahissem, indica não um povo inculto, mas uma nação decrepita — taes são os filhos de Ismael, filho de Agar.

Agar, movida por um sentimento religioso, invocou o nome do Senhor, e chamou ao poço, testemunha d'aquella maravilha, o poço do que vive e do que me vê. — Todos sabem que na alta antiguidade era costume designar os logares pelo proprio facto, de que elles tinham sido theatro. Depois, Agar voltou docilmente para casa do seu senhor; humilhou-se perante Sara, e deu á luz um filho, que foi chamado Ismael. Algum tempo depois, Deus prometeu a Abrahão, que Sara lhe daria tambem um filho, e confirmou o que tinha annunciado ácerca do de Agar; « Eu o abençoarei, e o farei crescer, e multiplicarei a sua raça. Eu o farei pae de doze principes, e de uma nação muito numerosa. »

O coração de Agar entregava-se ao jubilo, ao pensar nos gloriosos destinos que a palavra divina garantia a Ismael. As pobres mães, que parece trazerem sempre os filhos no seu coração, e que os criam entre as angustias d'uma esperança inquieta, não sabem viver senão para elles, e cobrem-lhes o seu futuro com toda a riqueza dos seus sonhos, e dos seus votos, assim como lhes derramaram no berço a inexplicavel doçura dos seus carinhos e beijos. — Mas Deus não lhes vende a gloria, quer para seus filhos, quer para ellas, senão a troco do trabalho, e de amargas dôres e soffrimentos.

Em conformidade com a promessa divina, Abrahão teve de Sara um filho, que se chamou Isac, e que devia ser o herdeiro abençoado das crenças e das virtudes de seu pae. — A boa harmonia não tinha podido existir entre as duas esposas, quando ellas, todavia, se não tocavam senão pelas qualidades diversas, ou, antes, pelos defeitos do seu caracter pessoal. Hoje que os gostos, as rivalidades e as rixas dos dois filhos vinham a ser, para assim dizer, os gostos, rivalidades e rixas das mães, os antigos elementos da discordia achavam-se gravemente complicados, e muitas vezes em campo. — A familia do crente e puro Abrahão não escapou ás consequencias funestas da polygamia: outra qualquer tentaria debalde escapar-lhe tambem. Um dia, Sara viu Ismael que maltractava Isac. — Ismael bem sabia que o seu direito de progeneritura, e todas as suas secretas esperanças acabavam de se desvanecer, e que, como filho de escrava, teria por senhor seu irmão mais moço. Deu-lhe testemunhos, nada equivoocos, do seu ciume e odio, e o seu genio atrevido, violento e intractavel, podia levar-o aos mais serios extremos. — Foi o que determinou Sara a tomar uma resolução severa: « *Deita fora esta escrava com seu filho*, disse ella a Abrahão, *porque o filho da escrava não será herdeiro com meu filho Isac.* » — Abrahão achou duras estas palavras, por isso que amava Ismael; mas acima das affeições do homem, ha a vontade de Deus, e o segredo da vida consiste, não em evitar os desgostos, e procurar a alegria, mas em marchar no sentido da vontade do Senhor. — Assim, onde os espiritos terrestres não vêem senão a acção d'uma paixão humana, e um motivo para lagrimas e pranto, está ás vezes occulto o segredo d'um decreto adoravel da Providencia, e o germen d'um futuro cheio de gloria. É o que sabem os homens sinceramente religiosos, e é tambem a fé n'estas doutrinas, que imprime em

toda a sua vida o caracter de liberdade generosa e de magnanima resignação.

O Senhor, que queria escolher um povo á parte, em que se conservassem as verdadeiras crenças, e tirar este povo de Abrahão por Isac, e não por Ismael, separou os dois irmãos, para que as violencias e má vontade d'um não podessem suffocar ou corromper a vocação e os destinos do outro.

Avisou, por consequencia, Abrahão, para que se conformasse com o desejo expresso por Sara, mandando embora Agar e Ismael: « *Porque d'Isac, accrescentou elle, é que ha de sair a raça que ha de ter o teu nome; e quanto ao filho da tua escrava, eu o farei tambem pae d'um grande povo, por elle ter saído de tí.* » Abrahão tomou um pouco de pão, e um ôdre cheio d'agua, que pôz ao hombro de Agar, entregou-lhe seu filho, e despediu-a. Só com Ismael, não tendo outro sustento e bebida, além do que podia levar consigo, exposta a morrer de necessidade e de fadiga, no deserto que lhe era preciso atravessar, Agar recebia assim um castigo bem severo, e devemos crêr, que só lhe foi imposto porque a sua insolencia havia chegado ao maior extremo; porque n'aquelles paizes, em que os mesmos estrangeiros eram considerados como uma cousa sagrada, e em que a hospitalidade tinha direitos tão extensos, os servos, e ainda com razão os alliados e os parentes, não podiam ser excluidos, sem graves motivos, da benevolencia commum e universal.

Agar saiu, pois, de casa d'Abrahão, e, em vez de voltar para o Egypto, como tencionava sem duvida fazer, desviou-se para a Arabia, e perdeu-se no caminho. Andou errante no deserto, que depois se chamou de *Bersabé*, pequena cidade edificada nos confins da Idumea e da Palestina. — A sua provisão d'agua esgotou-se dentro em pouco. — Ainda hoje os viajantes não atravessariam aquellas solidões, que um sol ardentissimo queima, e em que o vento apaga no dia seguinte os vestigios que elles deixaram na vesperá, se o camêlo agil, laborioso e sobrio, os não levasse com os seus viveres, como um navio feito pela mão de Deus, para vogar n'aquelles oceanos d'arêa. — Triste e vencida pela fadiga e pela sêde, Agar abandonou seu filho á sombra d'uma arvore, e foi depois sentar-se á distancia d'um tiro d'arco, dizendo: « *Não verei ao menos morrer meu filho.* » — Ahi, a alguma distancia, a pobre mulher, elevando a voz, chorava amargamente. — Ismael, desanimado, chorava tambem. — Então, um anjo foi enviado pelo

céu, para consolar os fugitivos: « Agar, disse elle, que fazes tu por aqui? Não temas; porque Deus ouviu a voz do teu menino, do lugar, onde está! Levanta-te, tira o menino, e tem-no pela mão; porque o farei pae d'um grande povo. » É forçoso pensar que Ismael se recordava das crenças e dos habitos de seu pae, e que havia nas suas queixas um sentimento de religião sincera.

Ao ouvir estas palavras, Agar, consolada, ergueu os olhos, e descobriu um poço; foi alli buscar agua, e deu-a a beber a seu filho. — A sua mesma desanimação é que a tinha impedido de ver até então a fonte, talvez porque n'aquella epocha, segundo diz um antigo escriptor, os habitantes costumavam cobrir com arêa a boca dos pões, cuja existencia era apenas indicada por signaes que elles sós conheciam.

Ismael não foi desamparado pela Providencia: continuou a habitar no deserto, e tornou-se habil em atirar com o arco. — O historiador *Joseph* conta, que alguns pastores, movidos de compaixão para com Agar e seu filho, os soccorreram e confortaram na sua miseria. Outros pensam tambem com razão, que Abrahão soccorreu constantemente Ismael; porque é certo, que entre elles existiram sempre affectuosas relações, e que Ismael se uniu a Isac, para prestar a seu velho pae os ultimos deveres da piedade filial. — Mas isto sómente aconteceu longos annos depois.

Agar e Ismael, adiantando-se para o Meiodia, foram definitivamente, fixar a sua residencia no deserto de *Pharan*, na Arabia Petrêa. — Este deserto, assim chamado, da cidade de *Pharan*, que lhe fica proxima, estende-se dos pés do Sinai até ás fronteiras da Palestina. São precisos onze dias para o atravessar. — Ha n'elle espaços immensos em que se procura em vão, para descaçar a vista, musgos, ervas, ou alguma arvore rachitica. A planicie não é interrompida senão por monticulos d'arêa movediça, que os furacões e as tempestades fazem e desfazem sem cessar.

A largas distancias, grupos d'acacias espinhosas, de tamarindos e cyprestes, parecem querer recordar, que Deus deu fecundidade á terra: são como a voz d'um vivo clamando no silencio d'um vasto cemiterio. — A religião, o commercio e a rapina, attrahem ás vezes ás orlas d'esta solidão os arabes que vão para Méca, e para os arredores do Mar Negro, e que d'alli refluem para o golfo Persico, Bagdad, Jerusalem, e para a Syria. — Foi este mesmo deserto, que tão celebre se tornou depois pelas marchas e acam-

pamentos dos Israelitas, quando, saindo do Egypto, marchavam para a conquista da terra da promissão; pisaram trinta e oito annos aquellas arêas inimigas, que nenhum fio d'agua rega, que nenhuma verdura cobre, e alli foram vestidos pela mão d'aquelle, que veste as plantas e as arvores, e sustentados por quem dá ao grão de trigo os seus succos vivificantes, e ao bago d'uva um doce e generoso licôr. — Tal foi a morada de Agar e Ismael, e o berço do povo arabe.

Quando Ismael completou trinta annos, Agar fez-lhe desposar uma mulher egypcia. — A datar d'esta epocha, Agar não torna mais a apparecer na historia. — O resto da sua existencia é para nós totalmente desconhecido. — Assim, por uma noite d'outono, fogem no céu, onde ha pouco os olhos os viam immoveis, esses fogos scintilantes, que vão afinal descer sobre as montanhas, onde ninguem os pôde encontrar. — Quanto a Ismael, sabemos que veio assistir á morte d'Abrahão, e dar-lhe sepultura. — Não tinha direito para lhe succeder, porque tinha nascido d'uma escrava, e entre os povos antigos, em geral, os filhos seguiam a condição das mães. — A posse da terra de *Chanaan*, coube, por consequencia, a Isac: Ismael, e as outras irmãs receberam presentes. Ismael teve doze filhos, que deram os nomes a outras tantas cidades, ou povoações, devendo entender-se por esta palavra, não uma agglomeração de casas, feitas de pedra ou de tijolo, mas grupos de tendas, em numero bastante para dar abrigo a tantas pessoas, quantas o logar podia fazer viver. Morreu cheio de velhice, na idade de cento e trinta e sete annos.

Tal é a vida de Agar; e ella contém em si uma lição dada a todos aquelles, que se esquecem de Deus, seu pae, e seu senhor, para procurar sobre a fê dos seus desejos, mal governados, uma independencia esteril em gloria e em felicidade. — Transfuga do Evangelho, sob cujo jugo deveriam viver, e produzir actos de virtude, pedem á criação tudo o que ella pôde produzir de gôzos e de prazeres. Deus deixa-os andar por algum tempo no caminho da duvida, e chama-os depois por meio da voz dos cuidados; voltam, por que as grandes apostasias não se consumam sem terror e sem hesitação; mas, depois de ter entrado no lar domestico, a imagem do prazer passado parece-lhes mais doce, do que a fidelidade ao dever presente; alimentam o voto d'uma traição nova, e tentam desfazer os obstaculos que se lhes offerecem. — É então, que Deus as abandona: — a

sua alma é uma terra deserta, em que o vento das paixões, extinguiu o manancial do bem. — A sua vida é como uma peregrinação, sem destino, a través das regiões do mal, e morrem finalmente, deixando apoz si uma longa serie de más obras, triste e deploravel posteridade.

HISTORIA.

A GUERRA DO ORIENTE,

OU

OS RUSSOS E OS TURCOS.

INTRODUÇÃO.



os periodos em que as grandes paixões imperam na sociedade, a historia é impossivel, porque ella vive exclusivamente da razão e da verdade; e a verdade, que nunca é um crime ou um erro, é ás vezes n'estas occasiões um perigo ou um inconveniente, que ha interesse geral em occultar; o historiador, na impossibilidade de a conhecer, não se quer arriscar a trahir a sua missão.

Ora, as grandes paixões publicas são necessarias para produzir as novas transformações e as diversas phases sociaes, e pôde ser tão inconveniente o animál-as, como o querer oppôr-se-lhes. Ha factos que só se podem ajuizar depois de se lhes conhecer todo o alcance, e julgál-os quando elles começam, é arriscar-se a dizer algumas phrases triviaes, que o futuro pôde mostrar serem crassos absurdos.

O que julgasse as cruzadas pelas primeiras perorações do eremita Pedro, teria visto sim-

plesmente um fanatico sem principios arrojando as populações da Europa a uma morte quasi certa nos desertos da Palestina, não diria que d'alli havia provir a emancipação do Occidente. O que escrevesse a historia da revolução franceza ao desabar a primeira pedra da Bastilha, veria apenas uma sedição popular contra um rei bondoso e pacifico, e não podia antever, que esse acontecimento era apenas uma parte do prologo do grande drama em que ia figurar a Europa toda. Hoje tambem quem escrevesse a historia do Oriente, ao resoar no Baltico o primeiro tiro dos screws inglezes, poderia dizer algumas trivialidades intempestivas, que o futuro traduziria por injustiças para com os homens, sempre meros instrumentos, por blasphemias contra a Providencia, sempre a auctora, que os faz mover para os seus fins.

De apresentar e comparar *factos*, a apresentar e comparar os *factos*, vae a grande differença do escriptor ao historiador, por isso os primeiros tanto abundam, e os segundos tanto escasseiam; vamos includos em o numero dos primeiros. A verdadeira historia da questão do Oriente ninguem hoje a podia, ninguem hoje a devia escrever. Nuvem negra no horizonte da Europa, assim como a pôde dissipar o sópro desencontrado das correntes atmosphericas, pôde tambem ser annuncio de graves tormentas, e perigos imminentes. Pôde ser um simples acontecimento, ou um vasto designio providencial.

Em todo o caso está ainda sob o dominio

das paixões, é cedo para o historiador intervir; elle virá, quando a epocha tiver passado, e os factos estiverem consummados.

Nós apenas registaremos, que esta grande questão parece encaminhar-se á civilização da Turquia, o que será devido ao christianismo. A influencia civilizadora do Evangelho continúa, pois, a ser uma grande verdade. A cruz vae sempre marchando em frente dos principios, quando o fanatismo a não faz desviar. Custará algum sangue a civilização da Turquia? É esse infelizmente o preço das grandes vantagens sociaes. Mas de Tiberio, o tyranno de Capréa, a Abdul-Medjid, o infeliz representante de uma civilização condemnada, se não é sempre o sangue dos impios o que corre primeiro, são sempre os verdadeiros principios que triumpham a final. Os povos são independentes das causas; póde abstrair-se dos homens em relação aos factos. A Europa, estendendo a mão, em nome do Evangelho, á dynastia ottomana, não commette um erro, cumpre talvez uma grande missão.

A harmonia do mundo moral acha-se tão perfeita quando se analysa, como a do mundo physico quando se estuda. O que falta é um Newton, que lhe roube o segredo das leis que o regem, como já houve quem descobrisse, que ellas existem effectivamente. Apparecerá elle um dia? Deus queira que não, que seria esse o maior mal para a humanidade, uma vez que paga a preço de tanto sangue, e de tantos sacrificios as vantagens, que muitas vezes só os remotos vindouros chegam a desfructar.

CAPITULO I.

A questão diplomatica dos logares santos. — Chegada a Constantinopla do príncipe Menschicoff.

A exigencia do protectorado da igreja grega não é um pretexto inventado hoje pelo Czar Nicolau para derribar o sultão do seu throno, já vacillante, e assenhorear-se de Constantinopla, alvo constante a que miram todos os imperadores desde Pedro I até hoje; descobriu-o, e explorou-o Catharina II, essa celebre imperatriz, que ajuntava a ambição propria dos homens á sagacidade proverbial das mulheres. Vejâmos em que ella consiste, e como é hoje novamente explorado para o mesmo fim, e com uma insistencia systematica, que denuncia um projecto largamente amadurecido, e agora começado a executar com um afincio

e perseverança, que promette envolver a Europa n'uma das mais difficultosas crises por que tem passado modernamente.

Não precisaremos remontar á epocha das cruzadas, nem contar como os christãos conquistaram a Palestina, e a deixaram perder, passando novamente ás mãos dos infiéis; falaremos simplesmente dos *logares santos*, cuja posse tem sido, e continúa a ser, a causa de muito sangue derramado, e de questões vivissimas e pertinazes, como são todas aquellas, que têm por base a differença de principios religiosos.

Chamam-se *logares santos* ás igrejas edificadas nos sitios em que se passaram os principaes successos da vida de Jesus Christo. Estas igrejas são doze; a saber:

- 1.^o A da Annunciação, em Nazareth.
- 2.^o A da Natividade, em Bethleem.
- 3.^o Da Samaritana, em Sichem.
- 4.^o Igreja em que Jesus Christo mudou a agua em vinho, em Canaam.
- 5.^o A igreja onde S. Pedro recebeu os seus poderes de Jesus Christo.
- 6.^o A igreja da Apresentação.
- 7.^o A da Flagellação.
- 8.^o A do Santo Sepulchro.
- 9.^o A dos Apostolos.
- 10.^o A da Ascenção, no Monte Olivete.
- 11.^o A igreja onde está o tumulo da Virgem, em Gethsemani.
- 12.^o A Gruta da Agonia, tambem em Gethsemani.

D'estas doze igrejas, uma, a da Samaritana, edificada por Santa Helena, está inteiramente destruida; as tres, da Apresentação, no recinto do templo, dos Apostolos, no monte Sion, e da Ascenção, no Monte Olivete, foram tiradas aos christãos pelos musulmanos. Quatro, a Gruta, a igreja da Annunciação, em Nazareth, aquella em que o Apostolo S. Pedro recebeu os poderes, a da Flagellação, no logar onde estava a casa de Pilatos em Jerusalem, a Gruta da Agonia, em Gethsemani, são possuidas exclusivamente pelos catholicos ou latinos; uma, a igreja de Galilêa, pertence ao gregos; finalmente, tres são communs aos diversos ritos ou communhões, em que se subdivide o christianismo, taes como o latino, o grego, armenio, cophta, etc.

Em cada uma d'estas ultimas se acham logares de visitação, chamados communmente *santuarios*, que uma ou outra nação possui de propriedade. Esta posse, que fica reconhecida pelo direito de cobrir o altar e accender as alampadas, é pleiteada ha longos annos entre as differentes communhões ou ritos, com uma tenacidade, que mais de uma vez tem



MAPPA DO THEATRO DA GUERRA NO ORIENTE.

affectado as respectivas nações, e agora promette até aniquilar a Turquia, esmagada entre as duas fracções do christianismo, que vão combater no seu proprio territorio, e que, sob pretexto, um de a atacar, outro de a defender, chegarão ao mesmo fim, que é destruil-a.



O PRINCIPE MENSCHIKOFF,

Enviado do Czar ao Sultão dos turcos na questão dos logares santos. (*)

É facil a explicação d'este affinco para possuir os *santuarios*, sem ser necessario recorrer ao celebre *esprit de froc*.

(*) A estampa de pag. 109 representa o capitão Mac-Clure, descobridor da passagem do Norte,

Os diversos ritos aspiram na parte moral á influencia e supremacia; na parte material aos interesses e ás vantagens; uma e outra cousa lhe augmenta na proporção do numero dos *santuarios* que occupam.

É crescido o numero dos peregrinos que vi-

sitam os *santos logares*; as suas dvidas e esmolas constituem uma renda consideravel, porque a piedade fervorosa, que os leva até alli, instiga-os tambem á generosidade que os diversos ritos exploram em proveito proprio, e que se torna tanto mais lucrativo quanto maior é o numero dos diversos *santuarios* e capellas que cada um d'elles possui. Mas não é só esta razão de interesse: o esplendor do culto, o espirito religioso, a devoção que leva a desejar a posse dos logares onde passaram os actos principaes da vida do Salvador do mundo, a conveniencia dos correlegionarios, tudo aconselha e instiga a esta posse e a torna tão disputada.

Até 1535 a Porta Ottomana decidiu exclusivamente todas as questões relativas aos logares santos, e os christãos conservavam-se alli invocando apenas o simples costume, e fundados sómente na generosa concessão de Saladino.

Foi Francisco primeiro de França o que estabeleceu n'esta data o primeiro tractado ou convenção com o sultão Suleimão, e é este tractado, o que serve de base a todas as estipulações politicas e commerciaes feitas com a Turquia, não sómente da parte da França, mas até das outras potencias christãs; foi n'elle que o dito monarcha fez inserir uma clausula que garantia aos religiosos latinos em Jerusalem a posse dos *santuarios* ou logares de visitação que se achavam nas suas mãos *ab antiquo*, sem comtudo os designar, exprimindo-se da maneira seguinte: — « Os religiosos, que, segundo o antigo costume, estão estabelecidos dentro e fóra da cidade de Jerusalem, na igreja do Santo Sepulchro, chamada *Kamama*, não serão perseguidos pelo que pertence aos logares de visitação que habitam, e que estão em seu poder, e que no mesmo continuarão como antecedenentemente; sem que possam ser incommodados a este respeito, senão por pedidos de impostos; e se sobrevier alguma questão, que não possa ser decidida nos proprios logares, será levada perante a minha Sublime Porta. »

Esta parte do tractado infelizmente não especifica circumstanciadamente quaes são estes logares em poder dos francezes, ou latinos, e por isso já se vê que a questão não pôde ser decidida perante as indicações da diplomacia, tanto mais que a renovação das capitulações concedidas pelo Sultão Mahmoud 1.º a Mr. de Villeneuve em 1740, reproduzindo as antigas clausulas relativas aos *logares santos* as ratifica de novo, sem designar os *santuarios* pertencentes aos latinos. « Quando os logares, de que os religiosos dependentes da

França tem a posse e o gôzo em Jerusalem, como se faz menção nos artigos precedentemente concedidos (diz este tractado) tiverem necessidade de serem concertados para prevenir a ruina a que estariam expostos pelo correr do tempo, será permitido conceder, a requisição do embaixador de França, residente junto á Sublime Porta, ordens para que estas reparações sejam feitas de modo que se conformem com as regras de justiça; e os cadis, commandantes e outros officiaes não poderão pôr alguma especie de embaraço aos objectos concedidos por ordem especial. . . Os bispos e religiosos dependentes do imperador de França que se acham no meu imperio, serão protegidos em quanto se conservarem nos limites do seu estado, e ninguem poderá impedir-os de exercer o seu rito segundo o uso *nas egrejas que estão em seu poder, da mesma fórma que nos outros logares onde habitam.* »

Á falta das indicações diplomaticas e de documentos claros e convenientes, os ritos, para disputarem a posse dos *logares santos*, têm recorrido a uma immensidade de pretextos, mais ou menos justificados, e têm explorado todos os incidentes ainda os mais indifferentes para chegarem aos seus fins, e sustentarem uma questão, que dura já ha mais de dois seculos. Assim, a 12 de outubro de 1808, tendo pegado fogo no altar da capella dos armenios, na igreja do Santo Sepulchro, e devorando, no espaço de tres horas, os *principaes santuarios* dos armenios, o Golgotha, o *catholikon* da igreja dos gregos, e parte da cupula do Santo Sepulchro, os catholicos accusaram os gregos de terem atcado de proposito este incendio, para poderem revindicar depois a propriedade dos *santuarios* reedificados, ou concertados á sua custa; os gregos pela sua parte lançaram o crime sobre os armenios por um sentimento de pura rivalidade.

É, comtudo, no anno de 1847, que a desappareição da famosa estrella de prata, que ornava o altar da gruta da Natividade, veio reanimar extraordinariamente a questão um pouco amortecida e produziu a crise que hoje se vae decidir á força d'armas. Convém, pois, especificar este facto.

Na parte exterior da grande igreja de Bethleem, usurpada pelos gregos segundo affirmam os latinos, acha-se a gruta ou capella da Natividade, possuida ainda por estes ultimos. Alli, na parte inferior d'uma mësã de marmore em fórma de altar, e que determina exactamente o proprio lugar, onde nasceu o Salvador, via-se, desde a mais remota epocha,

uma estrella de prata, collocada em memoria d'aquella, que guiou os reis magos, tendo esta inscripção em lingua latina: — *Hic de Virgine Maria Jesus Christus natus est* (aqui nasceu Jesus Christo da Virgem Maria). Quando esta estrella foi roubada mysteriosamente no 1.º de novembro de 1847, e no momento em que os gregos tinham o gôzo do santuario, os latinos não deixaram de os accusar d'este roubo, e tendo a França intervindo na questão, a pedido d'elles, em virtude das suas queixas, abriu-se o debate, não quanto a este facto em particular, mas sim quanto á questão em geral.

Era longa a enumeração das usurpações commetidas pelos gregos em diversas epochas, e de que os latinos se queixavam.

De treze santuarios de que diziam ter a propriedade, tanto na igreja do Santo Sepulchro como em Bethleem e em Gethsemani, antes do incendio de 1808, não lhe restavam mais de 6; instavam, pois, perante o governo para que lh'os fizesse restituir. O governo francez resolveu effectivamente intervir n'esta questão.

Havia aqui um pensamento occulto d'especial com a fraqueza da Turquia? Havia a simples idéa de estender a mão aos correlegionarios, e restituir ao culto latino, na terra santa, o antigo esplendor e a sua verdadeira supremacia?

Até que ponto devem intervir os governos em questões religiosas? Até onde pôde a nota diplomatica auctorizar a propaganda religiosa, e a espada apoiá-la, se assim for necessario?

São estas as questões que hoje se não podem, e se não devem discutir; é por isso que é cedo para a verdadeira historia, e apenas se torna possivel a simples narração. Diremos, por consequencia, que o governo francez resolveu alcançar a restituição de todos os santuarios que os gregos tinham usurpado aos latinos, e por isso dirigiu á Porta Ottomana, no mez de maio de 1851, e por intermedio do seu representante em Constantinopla, o Marquez de Lavallette, uma nota, na qual, afim de pronunciar-se abertamente, se apresentava ao Divan esta pergunta: — « Se reconhecia ou não o tractado de 1740? Qualquer que fosse o desejo que o governo do Sultão tivesse de evitar uma discussão de que elle previa as funestas consequencias, não podia deixar de responder affirmativamente á questão collocada n'este terreno.

A embaixada franceza pediu então que se nomeasse uma commissão mixta encarregada

de examinar os diversos documentos e titulos que as duas parcialidades allegavam em seu favor, e para apoio das suas pretensões. A Porta adheriu a este pensamento, e a 15 de julho de 1851 começou a funcionar a commissão mixta composta d'Errin efendi, então primeiro interprete do Divan, na qualidade de commissario imperial, de mr. Betta, consul de França em Jerusalem, de mr. Schœffer, interprete da legação franceza em Constantinopla, e de mr. Aristarchi, grande *logothéta* ou archichancellor do patriarchado grego.

Eis-aqui as reclamações apresentadas pelo governo francez em nome dos Franciscanos da terra santa:

- 1.º O monumento do Santo Sepulchro, na igreja do mesmo nome, em Jerusalem.
- 2.º A grande cupula que o cobre (1).
- 3.º A pedra da Unção (2).
- 4.º O logar dos tumulos dos reis francos, na capella d'Adam, por baixo do Calvario (3).
- 5.º Os sete arcos da Virgem (4).
- 6.º A igreja de Gethsemani, e o tumulo da Virgem (5).
- 7.º A igreja superior de Bethleem com os jardins, e cemiterios que dependem d'ella (6).

(1) Esta cupula estava antigamente em poder dos latinos, e foi concertada por elles diferentes vezes, especialmente em 1669 e 1719; mas tendo ardido quasi tres quartos d'ella no incendio de 1808, os gregos obtiveram da Porta, contra a letra de todos os antigos firmans, a permissão de a concertar á sua custa, bem como todos os outros santuarios que tinham ficado arruinados, e desde então se arrogaram a posse exclusiva de todos elles, segundo os principios da jurisprudencia musulmana, que faz derivar o direito de propriedade do facto da reedificação ou da reparação.

(2) É a pedra na qual Nosso Senhor foi unido de myrrha e d'aloes, antes de ser collocado na sepultura; está situada á entrada da igreja, e cercada de uma pequena balaustrada de ferro.

(3) Estes tumulos, de que não restam vestigios desde o incendio de 1808, eram os de Godofredo, de Balduino, de Philippe de Borgonha, e de Philippe I d'Hispanha.

(4) Este santuario, do mesmo modo que o precedente, faz parte ainda da igreja do Santo Sepulchro, e passou aos gregos depois de 1808.

(5) Esta igreja pertencia antigamente aos latinos, bem como o tumulo da Virgem que lhe é anexo. Hoje os dois santuarios estão em poder dos gregos.

(6) A igreja superior de Bethleem, bem como os dois jardins que dependem d'ella, cessou igualmente de pertencer aos latinos, que não conservaram senão a igreja subterranea, ou gruta da Natividade, de que já fallámos, bem como a pequena igreja de Santa Catharina, situada ao norte, e pela qual se desce á igreja subterranea.

8.º A posse mixta do altar do Calvario onde Jesus Christo foi crucificado.

Os latinos pediam a posse exclusiva d'estes santuarios, dispostos a fazer ás outras communhões concessões particulares, « debaixo da condição de serem renovadas todos os annos. »

Não eram estas pretenções tão faltas de fundamento, como parece, á vista do silencio, que os tractados guardam a respeito dos logares que elles possuíam : para as justificar os latinos allegam o seguinte *berat* (especie de diploma), que, dizem, obtiveram em 1690, no reinado de Suleimão II, e por consequencia 50 annos antes do tractado de 1740. «Tendo-se suscitado questões em Jerusalem entre os religiosos francezes, portadores do presente *berat* imperial e os gregos, por causa de alguns logares, que elles consideram como sitios de visitação, um sublime firman tinha sido publicado no tempo do nosso antecessor, ordenando uma averiguação. Foi-se aos logares, e *houdjet* e *arzimahzar* (autos?) foram lavrados contendo as declarações seguintes, feitas em presença das duas partes contendoras : « Os religiosos francezes possuíam ; — o direito de ornar o logar que olham como o tumulo de Jesus Christo, que salvo seja, situado no meio da igreja do Santo Sepulchro ; — o de estender os tapetes ; — as duas cupulas de chumbo, grande e pequena, que cobrem o tumulo ; — o direito de servir o interior e o exterior do tumulo, e o logar no meio do qual elle se acha, de dizer alli missa, e pôr as luzes, e adornar o pequeno altar collocado entre o espaço em frente da porta do tumulo e a grade de ferro, que serve de limite á igreja grega ; — ametade do calvario que chamam o logar da crucificação ; — o direito de ter a precedencia sobre as outras nações, quanto ás

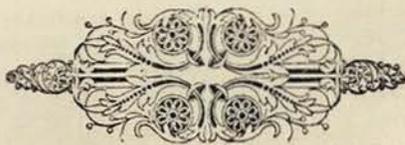
visitas aos logares santos ; — o de exercer o seu culto, tanto na parte inferior como na superior das sete arcadas, chamadas de Santa Maria, bem como, sobre a pedra da Unção. (Os gregos oppõem-se ao exercicio d'estes direitos por prepotencia, e têm levado as vélas dos sitios em que estavam....) ; — em Bethlehem, a chave da grande igreja ; — as das portas da gruta onde nasceu Jesus Christo, na mesma igreja ; ao todo tres chaves pertencendo exclusivamente aos religiosos francos... Nós temos visto e verificado todas estas cousas ; um grande numero de musulmanos, incapazes de levantar um falso testemunho, se tem apresentado diante do tribunal da lei, e declarado que os logares, objecto da contestação, foram deixados desde os mais remotos tempos no poder dos religiosos francos ; mas que os gregos os possuem ha alguns annos, em virtude das suas falsas declarações. »

Visto o firman dado aos religiosos francos em 1055 (1635 de J. C.), no reinado do sultão Mourad, em virtude e pela consideração que o titulo que seus adversarios pretendiam ter do chefe dos verdadeiros crentes, Omar, filho de Khottab, era *falto de fundamento falso e inventado*. Vistos os *houdjet* juridicos, que os religiosos francos possuem hoje :

Ordenâmos, que os supraditos logares, que algum dia eram exclusivamente dados e concedidos aos religiosos francezes, sejam confirmados em seu poder da mesma maneira que eram.

É este *berat*, renovado em 1695, 1703, 1731 e 1755, que tem servido de base desde então a todas as reclamações da França.

Vejâmos até que ponto é elle admissivel, e fórma direito n'esta importante questão.



SCIENCIAS NATURAES.



O FUNDO DO MAR.

(Continuado da pag. 90 do 3.º n.º)

VI.

Como animaes quasi imperceptiveis preparam novos continentes.

QUANTO mais se estuda a natureza, maior admiração causa a fraqueza apparente dos meios que emprega de preferencia para chegar aos maiores resultados. Dispondo do tempo e do espaço, mas demasiadamente rica para ser prodiga, é sempre com uma economia admiravel, que distribue o emprego das suas forças, como se ellas não fossem inexgotaveis.

Das exhalações invisiveis, que o sol levanta do fundo dos valles humidos, e que o frio condensa no cume das montanhas, forma magestosas cataratas e rios immensos; uma larva microscopica lhe basta para dar a morte, e reduzir a pó as maiores arvores dos nossos bosques; uma pequena semente lançada pelo vento sobre uma rocha, que os esforços do homem não poderiam abalar, germina em poucos dias, e a sua fraca raiz faz em pedaços o proprio granito. É no fundo do mar, e por meio de um simples animalculo collocado no ultimo gráu da escala scientifica dos seres, que a natureza trabalha na construcção gigantesca de novos continentes. Exemplo notavel do que podem as creaturas mais fracas, associando-se, as madréporas elevam em silencio com uma actividade maravilhosa, camadas solidas de um novo terreno, e são os principaes artistas a que as gerações futuras deverão um dia fertes continentes onde poderão habitar. Não obstante toda a immensidade, que já apresentam actualmente estas construcções, ellas se operam, todavia, a favor de uma ac-

ção simples, infallivel, e mui facil de conceber; porque os restos espargidos das terras antigas reunidas pelas madréporas são os unicos materiaes d'este mundo novo.

Em a sua rapida quêda, as torrentes arrancam ás nossas montanhas fragmentos de rochedos, que a acção continua das aguas quebra, e reduz a pequenos calháus. Estes, arrastados pelas correntes dos rios, e desfeitos em breve por effeito do attrito, tornam-se em particulas de arêa, que os rios não tardam a levar ao mar. As terras diluidas nas aguas pluviaes, descem as vertentes das montanhas, e misturam-se com as aguas dos rios, e continuam correndo pelos valles, que ellas proprias abriram. A vista exercitada do geologo calcula facilmente quanta porção d'arêa cada rio tira das margens, e quanto augmenta ou diminue em profundidade e largura, durante o intervallo de um seculo.

Sabe, por exemplo, a quantidade de terra que o Nilo tira todos os annos aos grandes valles que atravessa, para fazer subir o fundo do mar na sua embocadura; e vê por toda a parte as rochas primitivas reduzidas a pó pela acção do ar e da humidade, seguirem de quebrada em quebrada, até chegarem aos rios que as dispersam no Oceano. Mas em quanto a natureza offerece ao homem superficial um espectáculo desolador de desordem e de destruição, o sabio contempla a todos os momentos a magnificencia dos seus planos, e a harmonia das suas vistas.

Ao mesmo tempo que as marés abalam os rochedos das praias, e que a acção das ondas reduz a pó impalpavel os fragmentos das rochas, o mar é o grande receptaculo onde vem reunir-se e elaborar-se todos os restos do terreno que nós habitâmos, e é alli, que, sem descanso, prepara e reedifica um mundo novo com os restos do antigo. Estes restos não

(*) Não quizemos dar por concluido o presente artigo, sem lhe ajuntar este importante capitulo, com o qual definitivamente termina.

são entregues ao acaso de uma confusão arbitraria, é com uma ordem admiravel, que, segundo o seu pêsso especifico, o seu gráu maior ou menor de solubilidade, e suas diversas afinidades, elles se separam ou reúnem para formar novas combinações; uns trazidos, pouco a pouco, a cavidades profundas, vão reunir-se em depositos, que o tempo torna compactos, e formam novos bancos de pedra comparaveis aos dos nossos continentes; outros são absorvidos pelos molluscos testaceos, que formam com elles as suas elegantes conchinhas; alguns entram no tecido de certas plantas, d'onde a industria humana os extrahе depois pela incineração debaixo de fórmãs diferentes; ao mesmo tempo que uma grande parte d'estes detritos serve ao trabalho maravilhoso dos polypos.

Os polypos são pequenos animaes gelatinosos, munidos de tentaculos, com os quaes seguram a comida. Reunidos em grande numero por effeito de uma membrana commum e prêsos aos seus casulos de pedra, que não podem deixar, nunca vivem solitarios, e sabem construir habitações solidas, em as quaes cada um tem a sua vivenda, pouco mais ou menos, como as abelhas em os alveolos de um cortiço. Comtudo, communicam entre si de maneira, que o sustento de uns aproveita aos outros, e estão de tal maneira identificados, que as feridas feitas a um só, podem causar a morte a toda a familia. Sabe-se muito pouco dos habitos d'estes animaes tão imperfeitamente caracterizados, que ha muito pouco tempo se confundiam com as plantas. Ha-os de muitas especies; quasi todos são notaveis pela elegancia e symetria, que presidem á architectura de suas habitações, ás quaes se dá o nome de *polypos*. A que se conhece ha mais tempo é a que produz o coral, e não ha um naturalista que não possua fragmentos d'este polypo, que se reconhece pela sua bella côr de purpura e sua fórmula de arvore sem folhas. O coral é originario do Mar Vermelho, cujos valles, pouco profundos, transforma em verdadeiras planicies; a sua pesca é para os habitantes d'aquellas paragens uma fonte de riqueza, e Marselha devia n'outro tempo ao commercio do coral a maior parte da sua fortuna.

É nos mares do Equador, debaixo da influencia de uma elevada temperatura, que as especies de polypos, conhecidas pelo nome de madréporas, se applicam a trabalhos gigantescos. É alli, que, absorvendo os saes calcaeos, conservados em suspensão nas aguas do mar, os caryophilloides, os meandrites ou *corallites undulatus*, e a astréa ou *asteroites*, for-

mam bancos solidos, que não têm muitas vezes menos de oitocentas leguas de extensão, e de que a maior parte está quasi á flôr d'agua.

Não podendo viver debaixo de uma forte pressão, as madréporas estabelecem de preferencia as suas habitações sobre as planuras elevadas, e os cumes das montanhas sub-marinhas; constroem ao principio uma primeira ordem de cellulas, que a geração seguinte cobre de uma segunda camada, que serve de base pela sua parte ás futuras construcções, e assim successivamente até todo o edificio ter attingido o nivel do mar. Então termina o trabalho das madréporas, e uma serie de novas acções tracta de completar a obra, e elevar o terreno acima das aguas. As ondas desgastam continuamente as orlas d'estes novos recifes, e transportam os detritos para o centro d'elles, que assim crescem á sua propria custa. As plantas marinhas, que as vagas arrancam das praias, os ramos e troncos de arvores, que os grandes rios desarreigam e arrastam na corrente, tudo o que pôde fluctuar á superficie do mar, se embaraça e se prende n'esta vasta rede de pedra para formar, por effeito da sua corrupção, a primeira base de um terreno proprio aos vegetaes. De toda a parte vem parar a estes novos terrenos diversas sementes, que o mar ahi conduz; os fêtos, as gramineas, e os musgos de diversas especies revestem de verdura a superficie dos rochedos; depois algumas sementes de arvores fructíferas, alguns côcos, por exemplo, lançados a 500 leguas d'alli, quem sabe até se por alguma criança brincando na aréa das praias, germinam de repente no meio das ervas; bem depressa, como um fresco oasis no meio do Oceano, cresce uma ilha nova, onde as aves do mar constroem os seus ninhos, onde as phocas vem dormir ao sol, e que esperam simplesmente o homem para se animarem, entregarem-lhe os seus thesouros, e receberem d'elle um nome.

Desde a costa occidental da America, até ao cabo da Boa-Esperança, as madréporas preparam sobre todas as cadéas de montanhas uma infinidade de pequenas ilhas que estão quasi á flôr d'agua. Cercam a Nova Hollanda de gigantescos recifes, formando sobre a costa oriental d'este continente, um formidavel banco, que, na extensão de 150 leguas, já não deixa passagem alguma aos navios, e ameaça estender-se mais além. Um outro d'estes bancos, junta quasi a terra firme á Nova Guiné, n'uma extensão de 200 leguas, e pôde com muita facilidade pre-

dizer-se a epocha em que esta ultima fará parte do continente.

Um trabalho mais consideravel ainda, começando no mar das Indias, no meio da costa do Malabar, fórma o banco de Cherbanian, as ilhas Laquedivas, o extenso archipelago das Moldivas, e desce além do Equador até ao grupo de Paros-Banhos. Mas é muito principalmente no meio do grande Oceano pacifico, que as madrêporas parecem trabalhar com preseverança na construcção d'um verdadeiro continente: milhares d'ilhas, cumes os mais elevados de grandes cadêas de montanhas sub-marinhas, lhes devem todas a sua origem, e cada dia o espaço que as separa, diminue mais.

Já dos pontos extremos d'estes numerosos archipelagos, os naturaes podem viajar seguindo os recifes das madrêporas que formam em muitos logares uma especie de calçada ao lume d'agua. Explorando estes mares curiosos, o capitão Berard encontrou muitas vezes emigrando d'uma ilha para outra caravanas de selvagens, que caminhavam a pé, no meio do mar com tão pouco receio, como se estivessem sobre a terra firme, e diz-se mesmo que os habitantes das ilhas Vetí aproveitam este meio de communicacão para fazerem as suas trocas, bivacando sobre as partes que saem do nivel d'agua, e chegando a ir até ao archipelago d'Amoa, distante 250 leguas.

Para edificar estes continentes novos, á custa dos antigos, a natureza não se limita ao simples soccorro das madrêporas; as commoções violentas, que agitam tantas vezes as profundidades do mar, vem dar a ultima demão á obra começada. Sabe-se que em pleno mar, vêem-se elevar do meio das aguas columnas de chammas, e lavas de vulcões sub-marinhas. A terra treme no fundo do mar muito mais vezes que nos continentes, e algumas occasiões apparecem ilhas novas, e outras mais antigas, são submergidas de repente.

Quando semelhantes abalos têm logar de baixo das edificações das madrêporas, a sua superficie fica ondulada, e apresenta uma serie de collinas, ou cadêas de montanhas.

As camadas horizontaes elevam-se successivamente até ficarem verticaes, e affectam então fórmas pittorescas, que se cobrem de verdura, quebram a força dos ventos, fazem parar as nuvens, e preparam a origem das torrentes, cujas aguas, reunidas mais tarde, em ribeiras, vão cavar os seus leitos no meio de valles, que fertilizam depois, e fornecem ao homem uma agua doce e agradável. As Moldivas, as Marquezas, os Palaós e mil outras ilhas, não tem outra origem mais do que as edificações das madrêporas agitadas pelas convulsões sub-marinhas. O terreno da Australia dizem que é quasi todo formado d'esta maneira, e é de presumir, que ainda um dia se engrandeça mais por este meio. Se os polypos trabalham hoje em erigir novas terras, nós tambem lhe devemos muitas regiões em os antigos continentes. Os restos das conchas e as construcções dos polypos enchem quasi por toda a parte as grandes bacias de terrenos primitivos que a sciencia considera, com razão, como o fundo de antigos mares, cheios em parte por testaceos e polypos. É aos seus immensos depositos que é necessario muitas vezes attribuir a fórma horizontal das nossas planicies que a natureza parece ter encarregado estes animaes de sustentar.

Não é grande objecto para o estudo e para a meditação o trabalho silencioso e continuo d'estes artistas microscopicos chamados a mudar a superficie da terra, e a deslocar, pela unica acção da sua industria, o proprio leito do Oceano? Um dia virá, talvez, em que milhares d'ilhas, reunidas pelo trabalho das madrêporas, se elevarão no meio do Oceano Pacifico, como uma vasta terra sobre a qual os habitantes do velho mundo, depois de terem deixado suas praias, que o mar ameaça a cada instante, virão trazer os fructos salutiferos da civilização. Mas como nós, ao principio dissemos, a natureza dispõe do tempo, e não o poupa, pouco lhe importam seculos, com tanto que a sua obra fique completa: as madrêporas gastam mais de cem annos por cada meio pé que elevam de terreno!



MISCELLANEA.

COSTUMES HESPAÑHOES.

I.

QUEM não terá, ao menos uma vez em sua vida, desejado sahir da terra, que o viu nascer, e conhecendo novos usos e novos costumes, ajuizar por si mesmo o que é esta machina immensa, a que se chama o mundo? Poucas leguas, ás vezes, separam individuos de costumes inteiramente diversos, e até em um mesmo paiz, os habitos e os modos de vida das differentes provincias diversificam mais do que os de um para outro reino.

E, talvez, a Hespanha, um dos paizes onde esta circumstancia mais se nota; atravessae a nossa fronteira, e achareis logo uma grande mudança; ide a Madrid em um dia de feira, e ficareis pasmado da variedade de trajos, das diversas physionomias, da differente linguagem, que vos apresentam os proprios filhos d'Hespanha.

A unidade social ainda não passou, nem passará, talvez, para os trajos e para a linguagem, argumento irrespondível contra os que assentam, que os reinos podem fundir-se depois de chegarem a certo desenvolvimento. Os navarros, os andaluzes, os catalães, os aragonezes, ainda hoje, depois de 400 annos de união, apresentam feições características, que os distinguem, e que não será facil já agora eliminar; e bom será para nós, que ainda durem mais 10 ou 20 annos, se tanto levar a fazer o caminho de ferro; que bello espectáculo nos não está reservado quando virmos chegar todos os dias ao caes do Tojo, transformado em embarcadeira elegante do nosso caminho de ferro, estes specimens interessantes de costumes estrangeiros! Andaluzas de olhos pretos, e modos provocadores, saltarão dos wagons já em passo de bolero, e não passarão talvez do largo da Fundição sem trarem logo uma dança, ou um namôro. O som das castanholas despertará os echos pacificos

das salas d'armas do velho arsenal do exercito, e o carrancudo sargento, guarda-chaves, lá no seu nicho de porteiro, sentirá, pela primeira vez na sua vida, coarem-se-lhe pelo enternecido coração muitas e extensas saudades.... das suas pernas de 13 annos.

No largo do Terreiro do Trigo, aragonezes genuinos, mais ou menos descendentes do illustre Palafox, travarão a sua jota nacional á sombra das paredes do edificio protector da nossa industria agricola, e em caminho para a Praça da Figueira, irão allí alinhar os pécegos de Saragoça pelas laranjas de Setubal, e pelos figos de capa-rôta.

Valencianos, de trajos semi-orientaes, de calçotas curtas, de barretes á grega e cachimbo na boca, virão vender a sua louça vidrada com grande ferro das nossas saloias, que terão de passar á *inactividade temporaria*, com grande perigo de se lhe seguir a *reforma*, como quasi sempre succede, no que bem nos parece se lhe não faz a menor injustiça, porque é a raça mais apurada, da mais feia origem dos mais feios mouros, que vieram a Portugal.

É tambem muito natural, que o pobre pária da nossa bella Peninsula, o infeliz gallego, specimen por força de degeneração, quer seja do homem para baixo, quer do ourangutang para cima, visto ser elle o meio termo entre as duas especies, se metta em brios ao vêr os trajos garridos e a bella figura, que os seus compatriotas fazem entre nós; e não será raro, que elevando aquelle *toilette* do dia da confissão, a fato de trabalho, os vejâmos, logo que haja caminhos de ferro da companhia Hislop, andarem de chapeo de sol de panninho, collarinhos hirtos e enormes, e botões de coralina ao pescoço, levando a agua aos freguezes dentro das carruagens dos srs. Pinto Bastos.

Se temos de ser iberos é necessario irmos acostumando a estas scenas, e a esta vida,



ARAGONEZ, VENDEDOR DE FRUTA.

e conhecendo os nossos vizinhos á primeira inspecção. Se os trajos os caracterizam, tambem é necessario evitar a pergunta = *de que tierra és usted hombre?* = Para isso vamos colligir alguns typos em a nossa *Revista*, para que os seus leitores possam decidir *ex cathedra* esta importante questão das nacionalidades, e possam, nas suas digressões *menagères* á Praça da Figueira, escolher á primeira intuição, e sem perguntas enfadonhas, a fructa do Aragão, a

louça de Valencia, as quinquilherias de Madrid, as romãs de Granada, etc., o que nós lhes cedemos de boa vontade, reservando-nos apenas para escolher para nós o que em Hespanha ha melhor que as fructas, que os bonecos, que os veludos, que a louça, que os cavallos, que os charutos, que os gallegos, e que os homens, que são então que é? perguntará alguem.

Ora o leitor que adivinhe.



POESIA.



DOIS ANJOS NA TERRA.



SE ao genio de Raphael,
Eu me podesse egualar,
Com que empenho, o meu pincel
Iria a téla animar ;
Dois anjos então pintára
Tão puros como os creára ;
Deus em sua magestade
Tão bellos como a esperança,
De socegada bonança
Nas horas da tempestade.



Oh! Asia, oh tu, que o primeiro
D'estes dois entes mimosos,
Viste nascer ao luzeiro,
Dos teus astros tão formosos ;
Dize como esse jasmim,
D'alvas folhas de setim,
Poude crescer, prosperar,
Entre as palmeiras de Gôa,
Quando os jardins de Lisboa,
Estão por elle a chamar.



E o segundo?... oh! tão gentil,
Vivaz, alegre, a folgar,
Traçando brinquedos mil,
Bella a rir, bella a chorar ;
Onde foi que tu nasceste,
Onde é que á luz tu viste,
Oh alma de tanto ardor ?
Ah, já sei... negál-o intentas ?
Foi no reino das tormentas,
Na patria do Adamastor.

Lá onde o sol refulgente,
De aromas bafeja os ares,
Lá onde o tigre, a serpente,
Reina livre entre os palmares ;
N'essas terras que a memoria
Recorda de tanta gloria,
Dos feitos dos portuguezes,
Onde Castro em marcia lide
Onde Albuquerque, Athaide,
Provaram duros arnezes.



Foi n'esse sólo encantado,
Que nos falla ao coração,
N'esse alcaçar levantado
Nas barbacans do Hidalcão ;
Que eu vi pela vez primeira
Ismenia, amavel, fagueira,
Guilhermina, amavel sêr ;
Oh! que idéas tão saudosas,
Girando na walsa airosas,
Como eu gostava de as vêr !



Homem... se tu nunca ouviste,
Por noites de mansa briza,
O murmurio da agua triste,
Que d'entre os seixos desliza ;
E nas azas da bafagem,
Suspirar ao longe a imagem,
Da voz d'um ente querido,
Qual rouxinol gorgeiando,
De ramo em ramo saltando,
Entre a folhage' escondido.



Se nunca, um rosto fagueiro,
Te deu o céu n'um lampêjo ;
Se nunca, d'um trago inteiro,
Soryeste a vida n'um beijo ;
Se nada d'isto sentiste ;
Então mortal nunca viste,
A natureza sem véu ;
Ês fanal de luz mirrada,
Ês qual rosa desbotada,
Á sombra d'um mausoléu.

Viver é gozar — um dia,
Tambem eu vivi, oh! sim!
Como é doce á fantasia,
Sonhar contigo, oh Malim!
Lembras-te?... a flôr perfumada,
As mãos d'ella desfolhada,
E depois lançada ao mar?
Do Poeta cifraste a sina,
Como essa flôr Guilhermina
Devem meus dias findar.



Onde o Camões desterrado,
Seu tão triste amor carpira,
Vivo eu pobre, eu deslebrado,
Sem ter como elle uma lyra;
Oh! quem china antes nascêra,
Na minha Lorcha eu vivêra,
Com vélas de esteira fina;
Que lhe importa ao china a terra,
Se tudo qu'elle ama, encerra
A Lorcha d'um pobre china.

Macau, 20 de outubro de 1850.

Oh deosa!... tu, que no céu,
Trazes cortejo de estrellas,
Que quando assomas sem véu,
Tanto semelhantes ás bellas;
Faze tu, casta deidade,
Que a pura, ingenua amizade,
Que esses dois anjos estreita,
Seja eterna, como as plagas,
Onde vem quebrar-se as vagas,
Quando a tormenta é desfeita.



Mas se esta canção magoada,
Por vós, ó anjos, fôr lida,
Se por ella recordada,
Fôr do nauta a pobre vida;
Se em meio de alegre dança,
Surgir d'elle uma lembrança...
Oh! fazei que uma saudade,
Busque ao triste onde elle arquêja,
Venha, oh! venha!... inda que seja
Nas azas da tempestade!

L. M. BORDALLO.

A POESIA, que se acaba de lér, merece reparo, e torna-se digna de consideração por mais de um motivo.

O seu auctor, pouco tempo depois de a escrever, pereceu victima de um d'esses desastres, que deixam apòs si uma impressão tão profunda de pesar e sentimento, que muito custa a desvanecer: fallámos da explosão da fragata *D. Maria II* nas aguas de Macau, onde perderam a vida alguns dos nossos mais esperançosos officiaes de marinha, e entre elles o sr. Luiz Maria Bordallo, de guarnição tambem n'aquella fragata, e auctor da presente poesia.

Lendo-a, nota-se logo n'ella um vago sentimento do destino que o esperava, e que o devia roubar na flôr da existencia ás affeições mais charas, que fazem prezar a vida. Quem, senão esse sentimento, lhe inspirou aquelles sentidos e mimosos versos, em que, comparando a sua existencia á da flôr, elle diz quasi propheticamente

*Do poeta cifraste a sina,
Como essa flôr, Guilhermina,
Devem meus dias findar.*

E como os de uma flôr os dias do pobre mancebo passaram breves, e findaram em terras longinquas da sua patria, sem um adeus a seus irmãos, sem um apêrto de mão a seus amigos.

Só, nas solidões do Oceano, um momento o achou talvez cheio de vida, traçando na sua alma de poeta dourados sonhos de uma existencia feliz; outro momento o viu desaparecer para sempre n'essa voragem immensa, que o destino queria fosse o seu tumulo eterno.

Esta poesia não foi feita para o publico, deve-se considerar como um pensamento de saudade, como a pagina intima d'essa vida sympathica, e hoje tão interessante pelo seu infortunio; o seu grande interesse provém-lhe de nós hoje pensarmos, quando a lêmos, que esse mancebo, que a escrevia, estava cheio de vida, de mocidade, de esperanças e de futuro, descuidadamente reclinado sobre o vulcão, que em poucos mezes o devia reduzir a cinza.

A quantos dos que hoje a lerem lhe estará talvez succedendo o mesmo!!

FOLHETIM.



UMA GRANDE QUESTÃO.

II.

ESTAMOS a 6 de abril, são oito horas da noite... mas não é noite, nem o será tão cedo: honra seja feita ao município, que, no seu bem entendido ardor de allumiar a cidade, não deixa acabar o dia, e até nas epochas de luar, nunca prescinde de accender o gaz para o caso fortuito da lua cair em algum poço; — factó possível por ser o equilibrio, a mais difficil posição de sustentar por muito tempo, seja onde quer que fôr.

O café — *Martinho* — está litteralmente fallando a regorgitar de freguezes, graças a um expediente heroico que o dono da casa adoptou, e que parece lhe devia produzir um effeito diametralmente opposto ao que elle esperava; isto é, querendo que a sua casa fosse o *rendez-vous* de todas as nossas illustrações litterarias e parlamentares, lembrou-se de mandar forrar as paredes de espelhos!... Era para fugirem todos! Mas, pelo contrario, ao outro dia não faltou lá nenhuma!

Descoberta feita pelo *Martinho* em 1854: quem quizer a sua casa cheia de gente feia mande-lhe forrar as paredes de espelhos.

Eram oito horas, como dissemos, eis que, acotovelando a multidão, entra na loja um velho baixo, gordo, de andar pesado, sessenta annos de idade, casaca safada até ao fio, calça por baixo da bota, lenço branco ao pescoço, bengala de enorme castão, grandes oculos e rabicho, e, factó notavel, não obstante o seu modo serio e pacato, entrou na loja de costas voltadas, e começou a andar para traz, recuando desde a porta da entrada até á mèsã junto ao angulo do lado direito, sempre deserta, graças ás desastradas inspirações musicaes do menos phylarmonico de quantos cegos arranham por ahi os ouvidos dos pacíficos habitantes de Lisboa.

Ao chegar á mèsã o velho levantou da enorme bengala, e com uma força, que denunciava ainda um bom estado de conservação physica, fez retumbar as paredes da sala.

Acudiu um dos moços, que ao principio se chamava modestamente João, mas que, escandalizado, segundo elle conta, por a *alcunha* de Antonio que os freguezes lhe pozeram, cortou o nó gordio com uma *frescata* que tem tido muitos imitadores, e passou a chamar-se pomposamente João Antonio, o nome mais aristocratico de quantos têm resoado pelos valles da Galliza.

O velho disse-lhe com ar indifferente: traga-me *cebolas do Egypto*. João Antonio esgascou aquelles olhos redondos, característicos da raça *felis*, e deu dois passos para traz estupefacto; o velho ia insistir, quando parou de repente; tinha visto entrar pela porta fronteira um rapaz de 25 annos, muito magro, e com as pernas d'uma altura tão desconforme, que podiam considerar-se aleijão; trajava, sem lhe importar o lucto, calça de 10 ou 12 côres differentes; usava a tiracollo uma d'estas celebres mantas cinzentas de franjas; trazia luneta segura no olho direito, charuto na boca e chicotinho na mão; andava tão depressa, que em dois passos galgou a distancia da porta á mèsã, onde estava o velho; agarrou João Antonio pela encebada gola da problematica casaca, e disse-lhe com uma voz imperiosa: traga-me *agua raz e um phosphoro!* — João Antonio recuou aterrado! O cego deixou de tocar a viola!

Sem lhe importar o peditorio incendiario, o velho agarrou um braço do rapaz da manta, de quem parecia conhecido, e com uma satisfação triumphal, que não podia disfarçar, puchou-o para a mèsã, dizendo-lhe: então os homens passaram ou não passaram o Danubio? — Palavra que tal disseste! — O rapaz tirou a manta amulherengada, arrojou-a para cima da mèsã; e segurando tambem no braço do seu amigo, respondeu-lhe: passaram, sim senhor, mas hão de levar nas ventas, senhor D. João Estevão Francisco de Salles Lencastre Chichorro Gutierrez Enerrabodes Pellote da Couraça e Silva; não cuide que vencem, ainda que a Europa inteira ficasse reduzida a um montão de cinzas... — João, agua raz e um phosphoro. — O velho, que tinha presentido uma especie de epigramma na systematica enumeração de

todos os seus nomes, cognomes e appellidos, respondeu simplesmente: então o senhor Chico Chagas não dá licença? Não sou eu que a não dou, senhor D. João, é a epocha que pôde mais do que eu, e do que elles.

De todos os acontecimentos do mundo o mais facil de adivinhar é o resultado d'uma grande guerra . . . depois d'ella acabar? perguntou o velho. . . não, senhor, quando ella começa, disse o rapaz. — Os russos serão vencidos por força, porque se estão batendo contra a civilização, contra os direitos da humanidade, e contra os verdadeiros principios. . . Nada de palavrões, amigo Chagas, o que são principios, e quaes são os verdadeiros não sei eu; mas quatrocentos d'elles quaesquer que forem não fazem parar um cossaco a galope.

Nada de palavrões, vamos a factos, quantos mil homens, quantos cavallos, quantas peças, e quantas náus tem elles? É o que me importa.

E a mim não, meu charo senhor; sei que hão de levar por força, porque o Knout é o seu grande principio governativo; porque é o fanatismo quem arrasta as hordas barbaras do centro da Siberia ás margens do Danubio; porque aquelles soldados são estatuas sem consciencia, e não homens com vontade propria; porque os officiaes são automatos sem convicção, e não homens entusiastas e intelligentes.

Pois bem, senhor Chagas; esses mesmos homens hão de vencer agora os turcos como venceram os polacos em Varsovia, os suecos em Pultava, os francezes em Novi, os húngaros em Comorn, os turcos em Anáppa os. . . .

Absurdo, senhor D. João, os russos têm levado sempre pancada; os francezes deram-lhes em Zurik, em Eylau, em Friedland, em Austrelitz, na Moscowa, no Beresina, em Montmirail; os suecos deram-lhes sempre desde o seu primeiro encontro em Narva. Os polacos resistiram-lhes com meia duzia de soldados e deram-lhes em Dubienka e no Vistula, em quanto o numero os não opprimiu. Elles ainda não poderam sujeitar os montanhezes do Caucaso. Os húngaros resistiram-lhes heroicamente, e para os vencer foi necessario todo o poder da Austria, combinado com o seu. Os proprios turcos mais d'uma vez lhes têm dado; e ainda agora em Kalafat, em Oltenitza, em Citate lhes chegaram uma boa lição.

Que importa isso, senhor Chagas, quem faz a guerra não é a muita gente? Contra a força ha resistencia? Que importa que os tur-

cos matem alguns centos de homens a quem tem tantos milhões d'elles para mandar matar; por fim hão de cançar, como cançaram os polacos, os húngaros, os suecos, os francezes e todos os que se têm batido com elles.

Como se engana, meu charo senhor D. João: não ha exercito mais fraco, militarmente falando, do que o exercito russo; basta dizer que elles alimentam-se de um pouco de pão negro e algumas cebolas, e de tres em tres marchas hão de por força descansar um dia. Para o recrutamento os senhores não mandam senão os servos menos proprios para os trabalhos da lavoura; o soldado não pôde ter aquella robustez que se nota nos soldados das outras nações, e que tão necessaria é para as grandes fadigas da guerra.

Sim, senhor Chagas, elles não prestam; mas a França e a Inglaterra combinadas não bastam para os fazer parar. As esquadras vão para o Baltico, elles passam o Danubio. Os francezes desembarcam em Gallipolis, elles tomam Matchin. . . .

Hão de cançar no caminho, meu amigo, senão a esquadra ingleza lh'o dirá, e os seus tres mil canhões paixhans que não são para graças.

Os inglezes é que hão de cançar de ter lá uma esquadra com que não podem, senhor Chico.

Os inglezes não cançaram de fazer guerra á França 20 annos a fio, como hão de agora cançar em dois mezes? Quando se mettem nas cousas levam-nos por diante, e nunca recuam.

É por isso que os inglezes não podem andar agora de boa fé com a alliança franceza, senhor Chagas, hão de lembrar-se de Waterloo.

Quando os interesses são communs, as allianças são sinceras, senhor D. João: o interesse commum da França e da Inglaterra é destruir a ambição da Russia, a sua alliança é verdadeira e leal.

Ainda que o fosse, senhor Chagas, a França não pôde distrahir do seu sólo as forças que precisa para sustentar a sua situação; cada transporte, que parte de Toulon, é um golpe que desaba no throno de 2 de dezembro. — Absurdo, senhor D. João, grande absurdo: a França é um paiz entusiasta, cavalheiroso, amante da gloria; defender o fraco opprimido contra o forte ambicioso é uma causa sympathica para o povo francez; elle adoptou esta causa como sua, e a situação robustece-se com o auxilio á Turquia; cada transporte que sahe

de Marselha são annos que se accrescentam ao throno de 2 de dezembro.

Quando parte da Turquia é contra os turcos, senhor Chagas, está-se dando auxilio a quem não quer ser auxiliado.

Quando parte da Russia é contra os russos, senhor D. João, ella não é tão forte como parece. A Polonia pôde responder á Grecia; o Caucaso agitar-se como o Libano. O colosso é fraco pela sua propria grandeza. Ha meios de excitar os grandes incendios, elles ás vezes são na politica os unicos recursos energicos e necessarios.

Por isso o senhor veio pedir agua raz e phosphoro, para fazer a comparação possivel.

Não, senhor: é que eu antes queria deitar fogo á casa, do que o senhor comesse as suas cebolas do Egypto. — O senhor é um criança estouvado. — E o senhor um velho scismatico. — Olhe que lhe rasgo a manta

na cara. — Olhe que lhe dou com a cabelleira por as ventas. — Zás... trás... pás... o barulho cresce, os espectadores correm; os contendores estão engalinhados; a cabelleira empoeirada do velho touca magestosamente a cabeça rija e encabellada de João Antonio; a manta cinzenta do janota pende em fórma de sanefa da pacifica cabeça do pobre cego tocador de viola. A patrulha acode, os dois vão presos.

No outro dia lia-se nos periodicos politicos da capital:

Conselho aos caturras que frequentam o café *Martinho*. — Hontem foi prêsô um russo e um turco que se travaram de razões e jogaram a pancada na loja de bebidas da neve: quem quizer evitar que lhe succeda o mesmo, não vá para lá argumentar.

Escusado é dizer que o auctor do presente folhetim nunca mais lá voltou.

CHRONICA.

MODAS, THEATROS, PASSEIOS, E ASSEMBLEAS.

SEGUNDA CARTA.

A viscondessa Ernestina de Saint-Phall, & condessa de L...

Paris, 15 d'April de 1854.

RECEBI a tua carta, minha querida, e o n.º 3 da tua *Revista Estrangeira*. Tinha visto até aqui no theatro os grandes artistas dramaticos, á força de talento e estudo, possuirem-se dos papeis a ponto de os representarem ao natural; mas faltava-me vêr um artista, a quem se encomenda a estampa de um enterro, possuir-se tanto do espirito da sua obra, que se *enterre* juntamente com ella. Mas deixemo-nos de objectos tristes.

Acabo de assistir ao grande concêrto de mr. Bonoldi. Os harmonicos sons do *mattauphono* ainda resoam aos meus ouvidos. Venho entusiasmada por este novo instrumento, de que não posso deixar de te fazer a descripção. Imagina tu cincoenta e quatro vasos ou campanulas de crystal de diferentes tamanhos collocadas cada uma sobre um apoio de madeira, e descançando em uma caixa harmonica, parecendo, á primeira vista, um piano fechado, coberto de copos com agua, e terá uma idéa aproximada do *mattauphono*.

A maneira de o tocar merece tambem uma

menção especial: é necessario molhar a polpa do dedo index, e esfregar ligeiramente a extremidade superior das campanulas, o que produz um som intenso e nimamente harmonioso. O instrumento affina-se por meio da maior ou menor quantidade d'agua deitada nas campanulas. Já tu vês, minha querida, que o instrumento é, pelo menos, um pouco desusado; mas nem por isso deixa de ser um dos mais agradaveis que tenho ouvido.

Quinze annos levou elle a preparar a mr. Mattau, seu inventor, cujo maior trabalho foi poder encontrar 54 vidros homogeneos, de egual timbre, e em tudo proprios para a execução do seu pensamento musico.

Quinze annos, lá é necessario paciencia! Que tal era a peça, minha querida L..., se tu tivesses de esperar ainda, que se te fizesse um *mattauphono* para tocar no dia do teu noivado?

Uma boa parte da nossa sociedade parisiense concorreu a este concêrto, que muito cooperou a tornar recommendavel o talento de mr. Reichert, o celebre flautista belga, que deve fazer uma profunda impressão no mundo philarmonico: mr. Fumigalli, o distincto rabequista, que encantou a sociedade com os seus estudos para a mão esquerda sobre motivos da *Casta Diva*: outro distincto violon-

cellista belga, mr. Montigny, tambem fez admirar o seu brilhante talento musico, etc.

Se quizeres vêr o mundo e a sociedade, saber o que são, e o que podem as maravilhas da arte, os caprichos da elegancia, os apuros do bom gôsto, vem a Paris, minha querida L***, antes d'isso não saberás o que é a vida, e quaes os seus momentos mais encantadores; em Lisboa, fora do theatro, não se vive, vegeta-se, e não é, talvez, a falta de divertimentos, o que ahí se sente mais, é a maneira especial por que elles se desfructam. Lembra-me ainda dos bailes a que assisti n'essa terra.

Uma maioria espantosa de verdadeiros *perús tufados*, estudando posições grotescamente importantes, encosta-se pelas esquinas das portas encarando as senhoras com aquelle ar de curiosidade receiosa, com que em Paris se vão vêr as feras ao jardim das plantas. Parece a muitos, que o pateo de Belem passou para as salas dos clubs, e, não se atrevendo, em toda a noite, a transpôr as hobreiras faetas, verdadeiras columnas d'aquelles Hercules grotescos, dão-se d'alli em espectáculo, julgando que são elles que o desfructam.

A verdadeira sociedade é expansiva, espirituosa, amavel. Sempre que se reune, trocam-se os pensamentos elevados, os ditos conceituosos, os propositos engraçados; o espirito reina; a amabilidade triumphá; todos estão á sua vontade; as senhoras vão para um baile, e não para uma exposição como objectos de industria; entram para as salas e não para um palacio de crystal.

A proposito de exposição de industria, o governo d'aqui já publicou o regulamento para a grande solemnidade da exposição de 1855. Nada faltará para tornar esta festa digna da capital do mundo civilizado. Paris prepara-se para receber os seus hospedes com uma attenção toda especial: receiando até que não houvesse onde alojál-os convenientemente, mandou-lhes preparar habitações proprias para os receberem. Nem um só dos visitantes terá a queixar-se da hospitalidade franceza..., uma vez que traga dinheiro da sua nação.

Queres agora saber das modas? Outra vez t'o repito, estuda a elegancia, estuda o modo de te apresentar, estuda as tuas palavras, prepara o teu espirito, e tu poderás dizer da moda o que um celebre rei de França dizia do estado, — *l'Etat c'est moi*, — o estado sou eu; isto é, a moda serás tu.

Sem este conjuncto o excesso do luxo torna-se o excesso do ridiculo, e só servirá a colher zombarias e sarcasmos, d'onde se esperava obter emboras e triumphos.

Has de ter notado, por exemplo, algumas

das tuas *soi-disant* elegantes, á força de arredondarem um talhe, que a natureza não favoreceu, apparecerem dentro dos seus amplos e afastados vestidos, como as crianças pequenas dentro dos seus cuvos de vêrga; ainda que a fazenda para estes vestidos fosse fornecida pelo proprio armazem do *Trois-Quartier*, ainda que a propria madame Peytel apurasse todo o seu engenho artistico no engraçado côrte de umas mangas de phantasia, a que assim apparecesse..., as que assim apparecem, nunca hão de passar de *crianças dentro dos cestos*.

Os homens, dizem algumas, enganam-nos com os seus protestos, com as suas paixões imaginarias; enganemol-os nós com os nossos *toilettes*; o ataque justifica a defeza, e contra quem muda de paixão todos os dias, não ha recurso senão poder mudar de peito a cada hora. É um sophisma, minha querida, o principio de Boileau, é ainda um axioma em materias de toucador; ahí tambem *rien est beau que le vrai, le vrai seul est aimable*.

O bom tempo chegou. O verão é, pois, um facto consummado. Preparemo-nos para elle. Ha uma grande variedade de fazendas novas proprias para a estação, e sustentam-se algumas das antigas; entre as primeiras nota-se com muita especialidade o *grôs* de Bengala, esplendida fazenda, que tem o meio termo entre a seda e a lã, com muito corpo, não se amarrotando nunca, e sustentando em obra toda a harmonia e capricho das fôrmas, que lhe imprime a mão habil da modista; tem todos os predicados para durar mais de uma estação. A cassa (*mousseline*) da China é um primor de *coquetismo*; na ligeireza e na figura eguala a tarlatana e a cassa das Indias, e fôrma um tecido aereo, ideal e poetico, que, á maneira da gaze, tão bem vac a estas organizações indefinidas, que, em toda a frescura da mocidade, ainda, comtudo, estão mui proximas da epocha da infancia, de que conservam a innocencia e a candura: é a fazenda que te convem, minha querida L***.

Temos tambem este anno a *tafetalina*. Não a conheceis ainda em Lisboa? Sêl-o-ha em breve; uma fazenda tão linda e tão seria não passa em uma só estação, e não deixa de percorrer todo o mundo elegante; é ella que substituiu as *valencianas*, que já se não encontram senão nas casas mais ordinarias. Ha tambem a *diamantina*, que tira o seu nome do aspecto encantador que offerece á vista: é uma chuva de pequenos diamantes, que brillam n'um fundo pouco carregado; a seda combina-se de tal modo com a lã, que chega a offuscar a vista.

As *bareges* continuam este anno a ser recebidas, e no verão o seu triumpho será incontestavel; fallemos, pois, dos vestidos de *barega*. As côres mais recebidas são as pouco vivas e pouco carregadas, as quaes apenas se usam para sahir em trem. Os vestidos de *barega* tem tres folhos alistrados de tres ordens de pequeninos botões de rosas, destacando sobre um fundo verde mimoso, ou outro qualquer pouco vivo.

Já conhecerás ahi as mangas dobradas de madame Peytel. É uma idéa encantadora, e que no verão deve ter um completo successo. Com este systema pôde usar-se da manga e ao mesmo tempo mostrar um braço bem torneado, e verdadeiramente *à la Pradier*. A manga de baixo, de cassa, cambraja, ou bobinet, é larga e comprida, terminando n'um punho recortado, e na extremidade de cada um d'estes recortes usam-se algumas vezes uns pequeninos laços de fita. A segunda manga é formada pela propria fazenda do vestido, partindo das hombreiras, em lugar das mangas ordinarias umas tiras de distancia em distancia, que se apertam por uma volta junto ao meio do braço e abaixo do cotovelo, de maneira que, mostrando o feitio do braço, não impedem que seja visto; a segunda manga termina tambem em um punho recortado.

Vamos agora aos corpos dos vestidos. As abas continuam sustentando-se; d'esta vez achou-se o segredo de fixar a moda; é um milagre, ou um impossivel, que é devido á habilidade das nossas modistas, porque ellas sabem ser variaveis até na propria constancia; *qualidade que os cavalheiros nos fazem obsequio de nos attribuir tambem a nós*. Assim tallham as abas conforme a pessoa a que o vestido é destinado, e pôde dizer-se que ha uma moda diferente para cada uma das nossas elegantes. Os corpos dos vestidos começam a deixar de ser afogados, usando-se com elles as camizinhas de renda, e outras bordadas. As saias são muito largas e excessivamente compridas, com grandes pregas chatas para as fazendas mais fortes, e simples franzidos para os estôfos ligeiros e airosos.

Os chailes de crêpe da India (touquim) têm uma voga espantosa, não obstante o seu subido preço; ha-os de duzentos mil réis, e nem por isso deixam de apparecer; são brancos com grandes ramos e elegantes cercaduras.

As sombrinhas tambem soffreram uma transformação completa: hoje são maiores, feitas de seda ondeada de branco e lilás com franjas, e forradas de tafetá côr de rosa.

As pellissas, as talmas, as capas e capirós, deixaram inteiramente o campo aos mantele-

tes e ás mantas, os primeiros são mais usados, *sans façons*, e proprios para uso ordinario; as segundas mais *recherchés*, e mais elegantes.

Fallar-te-hei agora dos chapéus. Em Lisboa creio triumpharam completamente os brancos, e apenas os de palha d'arroz lhes poderão, como de costume, disputar a primazia; é esta tambem aqui a palha preferida, mas vê-se a de Italia, e outras muitas especies diferentes.

Para os chapéus de palha d'arroz e de Italia, usam-se as grinaldas compostas de pequenissimas fructas, perfeitamente em miniatura, entrelaçadas em longas hervas do campo e bagas vermelhas; é de uma naturalidade completa, e de uma frescura encantadora.

Para os chapéus de gaze, de crepe, ou de blonde, as grinaldas são de violetas entrelaçadas em uma espessa folhagem. Ha tambem algumas grinaldas de rosas com folhas ao natural.

Os chapéus completamente deitados para traz não se podem hoje chamar chapéus, são uns simples toucados; em alguns nota-se a novidade do diadema, que é uma bella fita côr de rosa, que passa por cima do cabello, saindo do interior da copa. A moda dos chapéus, nimamente descachidos, promete durar todo o verão; as phantasias consistirão apenas nos enfeites, que devem variar ao gôsto das modistas.

Os trajes mais elegantes dos cavalheiros são os de passeio a cavallo, é um meio termo entre o *redingotte* e o *frac*, de *coupe*, ampla e larga, de côr verde escura, que abotôa por meio de duas ordens de cinco botões cada uma, podendo fechar até acima, não tem algibeiras atraz, mas sim uma unica transversal ao lado esquerdo do peito, a cintura mediana, as abas tres dedos abaixo do joelho e forradas de seda, as mangas largas, compridas, e virando em fôrma de canhão redondo; o colete de rebuço, de cazemira; a calça de cazemira de quadrados, larga na parte superior, afunilando successivamente até junto do pé, por baixo do qual são seguras por uma pequena presilha.

Esta missiva vae longa; adeus, minha querida L***; pelas noticias chegadas d'ahi, sei que as nossas primeiras elegantes vão tendo o máu gôsto de se casar; se as quizeres imitar, ao menos escolhe um marido, que não saiba fallar na questão do Oriente, senão terá o perigo de passar a lua de mel a discutir a respeito dos turcos, figurões com que especialmente antipathiza esta que é toda tua

S. PHALL.